

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE GOIÁS
ESCOLA POLITÉCNICA E DE ARTES
CURSO DE DESIGN

EDUARDA GONÇALVES DE QUEIROZ

**DESIGN E SENSIBILIZAÇÃO SOCIAL: CAMINHOS PARA COMPREENDER E
CONVIVER COM A FAUNA SINANTRÓPICA**

Goiânia

2026

EDUARDA GONÇALVES DE QUEIROZ

**DESIGN E SENSIBILIZAÇÃO SOCIAL: CAMINHOS PARA COMPREENDER E
CONVIVER COM A FAUNA SINANTRÓPICA**

Monografia e Projeto apresentados ao Curso de Design da
Escola Politécnica e de Artes da Pontifícia Universidade
Católica de Goiás, para a obtenção do grau de Bacharel
em Design.

Orientadora: Profa. Dra. Genilda Alexandria Sousa

Goiânia

2026

EDUARDA GONÇALVES DE QUEIROZ

**DESIGN E SENSIBILIZAÇÃO SOCIAL: CAMINHOS PARA COMPREENDER E
CONVIVER COM A FAUNA SINANTRÓPICA**

Monografia e Projeto apresentados ao Curso de Design da Escola Politécnica e de Artes da Pontifícia Universidade Católica de Goiás, para a obtenção do grau de Bacharel em Design, aprovada em 10 / 06 / 2026, pela Banca Examinadora constituída pelos seguintes professores:

Profa. Dra. Genilda Alexandria Sousa- orientadora
Pontifícia Universidade de Católica de Goiás

Profa. Dra. Luciana Casaletti
Pontifícia Universidade de Católica de Goiás

Prof. Esp. João Paulo de Moraes Alves
Pontifícia Universidade de Católica de Goiás

AGRADECIMENTOS

Ao longo do desenvolvimento deste trabalho, algumas pessoas foram fundamentais para que ele se tornasse possível.

Agradeço, em especial, à minha orientadora, Profa. Dra. Genilda Alexandria Sousa, pela paciência, pelos direcionamentos e por sempre ter acreditado em mim e neste tema ao longo de todo o processo.

Aos meus pais, à minha amiga Maria e ao Yan, deixo um agradecimento por estarem sempre comigo. Pela presença, pelo apoio e, principalmente, por não me deixarem desistir. Sem vocês, tudo teria sido mais difícil.

Este trabalho também carrega um pouco de cada um de vocês.

“I’m not a girl, not yet a woman”
— Britney Spears

RESUMO

Os animais que, ao longo do tempo, passaram pelo processo de adaptação ao dividir espaço com os seres humanos, sem depender diretamente de sua intervenção, são denominados animais sinantrópicos. Em contextos urbanos, esses animais são frequentemente associados a riscos à saúde, como a transmissão de doenças e a ocorrência de acidentes, o que contribui para a construção de uma percepção predominantemente negativa sobre sua presença. Diante desse cenário, observa-se que os aspectos relacionados à sua importância ecológica, como o controle de pragas e o equilíbrio ambiental, tendem a ser desconsiderados, resultando, muitas vezes, em reações baseadas no medo e na eliminação desses animais quando encontrados em ambientes domésticos. A partir dessa problemática, o presente trabalho propõe o desenvolvimento de uma campanha de comunicação, com o objetivo de promover uma relação mais consciente entre a população e a fauna sinantrópica urbana. A proposta busca sensibilizar o público, especialmente indivíduos acima de 45 anos, incentivando práticas mais seguras e informadas diante da presença desses animais, contribuindo para a redução de riscos e para a construção de uma convivência mais equilibrada no ambiente urbano.

Palavras-chave: Animais sinantrópicos, Design, Sensibilização Ambiental, Educação Ambiental, Mudança Comportamental, Práticas Educativas

ABSTRACT

Animals that, over time, have undergone a process of adaptation to share space with human beings, without directly depending on their intervention, are known as synanthropic animals. In urban contexts, these animals are often associated with health risks, such as disease transmission and the occurrence of accidents, which contributes to the construction of a predominantly negative perception of their presence. In this scenario, aspects related to their ecological importance, such as pest control and environmental balance, tend to be overlooked, often resulting in fear-based reactions and the elimination of these animals when found in domestic environments. Based on this issue, the present work proposes the development of a communication campaign aimed at promoting a more conscious relationship between the population and urban synanthropic fauna. The proposal seeks to raise awareness among the public, especially individuals over the age of 45, encouraging safer and more informed practices when encountering these animals, thus contributing to risk reduction and to the construction of a more balanced coexistence in the urban environment.

Keywords: Synanthropic animals, Design, Environmental Awareness, Environmental Education, Behavior change, Educational Practices

SUMÁRIO

RESUMO	6
ABSTRACT	7
1. INTRODUÇÃO	9
2. JUSTIFICATIVA.....	1
3. ANIMAIS SINANTRÓPICOS.....	3
3.1 RATOS.....	5
3.1.1 RATAZANAS.....	5
3.1.2 RATO PRETO	6
3.1.3 CAMUNDONGO.....	7
3.2 SAPOS	8
3.2.1 SAPO CURURU.....	8
3.3 POMBOS	9
3.3 POMBO COMUM.....	10
4. ANIMAIS SINANTRÓPICOS NO MUNICÍPIO DE TRINDADE-GOIÁS	10
5. PROJETO	15
5.1. METODOLOGIA	15
5.2. NAMING	21
5.3. IDENTIDADE VISUAL.....	25
5.4. PALETA DE CORES	27
5.5. ILUSTRAÇÕES.....	29
5.6. PRODUTO FINAL	34
5.6.1. CAIXA	34
5.6.2 FOLDER	35
5.6.3. CHAVEIRO E PANO DE PRATO	37
5.6.4. SITE	43
5.6.5 EBOOK	44
CONSIDERAÇÕES FINAIS:	45
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:	47
ANEXO A – Imagens do EBOOK	49
ANEXO B – Folder Final.....	65
ANEXO C – Modelo de questionário aplicado	66

1. INTRODUÇÃO

Conforme a Instrução Normativa N°141, de 19 de dezembro de 2006, do Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e dos Recursos Naturais Renováveis (Ibama), animais que, ao longo do tempo, desenvolveram a capacidade de se adaptar e prosperar em ambientes modificados e habitados por humanos, sem que dependam de domesticação ou auxílio direto, são chamados de animais sinantrópicos. Esse processo de adaptação ao ambiente humano parte de uma estratégia de sobrevivência impulsionada pela busca por recursos essenciais para a sobrevivência. O crescimento dos assentamentos urbanos e a concentração das atividades humanas contribuíram para a criação de nichos ecológicos favoráveis à presença de animais sinantrópicos, causados principalmente pelo desequilíbrio ambiental, como a existência de lixões, a ausência de saneamento básico e o tratamento inadequado da água, entre outros fatores (ZORZENON, 2002).

No entanto, grande parte desses animais passou a ser associada à ideia de praga. Essa percepção negativa é reforçada pela capacidade que muitos deles têm de transmitir doenças aos seres humanos e outros animais, bem como pelo risco de acidentes, como picadas, mordeduras e contaminação de alimentos. Entre os exemplos mais comuns de animais sinantrópicos estão aranhas, baratas, escorpiões, ratos, morcegos, serpentes, sapos e pombos. Essa visão predominantemente negativa ofusca o papel ecológico que esses seres desempenham no ecossistema urbano. Eles desempenham funções importantes, como o controle de populações de outros organismos, a polinização e a manutenção do equilíbrio nas cadeias alimentares (LIMA, 2023).

O conflito gerado entre a proximidade entre as pessoas e esses animais resulta em respostas, frequentemente, inadequadas. Diante da presença de um animal sinantrópico em seus espaços, a reação mais comum é o maltrato ou o extermínio, caracterizando um comportamento que desconsidera preceitos éticos e as formas corretas de manejo da fauna. Essa conduta reflete não apenas o medo ou receio de riscos sanitários, mas também o desconhecimento sobre como proceder de forma segura e não letal para ambos os lados. Além da ausência de informação clara sobre os canais de auxílio, que resultam em um desconhecimento de quais autoridades e serviços utilizar (como a Vigilância Sanitária, o Corpo de Bombeiros ou órgãos ambientais) para realizar a remoção segura ou a orientação preventiva, por outro lado, também há a prática comum de exterminação desses animais por conta própria, sem motivações concretas para essa ação (LIMA, 2023).

Por essa razão, este trabalho pretende analisar a presença e a convivência com animais sinantrópicos na cidade de Trindade – Goiás, a fim de investigar de que forma o design pode contribuir para mudar a percepção negativa em relação aos animais sinantrópicos, promovendo uma convivência mais consciente e equilibrada entre humanos e esses animais no ambiente urbano. A escolha dessa região se deve ao seu crescente processo de urbanização e às condições que favorecem a permanência desses animais em áreas urbanas. A pesquisa buscou entender como os moradores percebem esses animais, como reagem à presença deles no dia a dia e quais foram os principais problemas, dúvidas e atitudes relacionadas a essa convivência.

Para além de examinar a percepção humana para com os animais sinantrópicos, a pesquisa também contou com a finalidade de estudar o comportamento e características desses animais e entender a relação da presença deles em área urbana e dos ambientes que podem os atrair. Nesse sentido, o estudo buscou identificar os principais motivos que reforçam a percepção ruim a respeito delas. Ademais, a pesquisa previu a realização de um estudo de campo no município de Trindade, delimitado especificamente no Condomínio Village e em um quarteirão do Setor Sul para contrapor diferentes vivências residenciais, além de investigar as contribuições já existentes para as boas relações entre pessoas e animais sinantrópicos.

Após a análise e a investigação, o trabalho avançou para o desenvolvimento do projeto de design de sensibilização, fundamentado nos resultados da pesquisa e nas reflexões acerca das possíveis soluções para os problemas identificados. Essa etapa, estruturada a partir das fases de imersão, criação e definição, buscou traduzir as demandas observadas em campo em uma campanha de comunicação que articulou materiais físicos e digitais para influenciar atitudes no cotidiano. Fundamentado nos conceitos de design para mudança de comportamento de Wendel (2014) e de Ludden e Hekkert (2014), o projeto focou nas estratégias de sensibilização e capacitação para conduzir o público, majoritariamente nos estágios iniciais de reflexão, a hábitos mais seguros.

Esse trabalho fez uso de ferramenta de inteligência artificial generativa (Chat GPT) para auxílio na revisão e organização do texto, para ajustes de imagens e desenvolvimentos de mockups do projeto. O conteúdo, as escolhas teórica-metodológicas são de responsabilidade exclusiva da autora.

2. JUSTIFICATIVA

É comum que os animais sinantrópicos sejam tratados como incômodo ou risco à saúde devido à associação deles com a proliferação de doenças e, também, às suas aparências, que acabam gerando estranheza por não serem consideradas "amigáveis" aos olhos humanos. Através dessa perspectiva geral, ocorre a tomada de ações extremas ou de controle violento contra esses animais, o que pode, inclusive, configurar crime ambiental, conforme constatado no Artigo 32 da Lei Nº 9.605/1998. Embora os riscos sanitários e de acidentes de fato existam, a falta de conscientização adequada pode gerar sentimentos de repulsa, medo e um senso de emergência de controle, levando ao pânico, a reações radicais, como eliminar ao invés de manejar.

Tendo isso em mente, é necessário entender que esses animais, muitas vezes associados à sujeira, doenças e perigos, desempenham papéis que são totalmente inversos àqueles aos quais são comumente relacionados, como o controle populacional de outras espécies, a polinização e a decomposição de matéria orgânica (LIMA, 2023). Portanto, é válida a tomada de medidas para a contenção das ações extremas de eliminação autoadministradas pela população, como o uso indiscriminado de venenos, armadilhas, torturas ou mesmo agressões físicas. Atos dessa natureza impactam diretamente o meio ambiente e a saúde pública, além de incentivarem a perpetuação da crueldade contra a fauna.



Figura 1: Pássaro preso na cola de pegar rato e ficou careca”.
Fonte: shorts de Ghosttli, 2024.



Figura 2: “Ratoeira adesiva bem te vi foi salvar o rato e ficou preso muito cuidado ao colocar essa armadilha.”. Fonte: shorts de “Soluções caseiras e invenções”, 2023.

Casos como o de pássaros (bem-te-vis e periquitos), assim como é mostrado na figura 1 e figura 2, que acabam ficando presos em ratoeiras de cola, por exemplo, demonstram como as estratégias de captura voltadas a uma espécie podem atingir várias outras, sem distinção. Além do sofrimento e tortura, onde o propósito é deixar o rato grudado, imóvel e que ao tentar sair seus pelos e sua pele podem ficar grudados na cola, essas armadilhas interferem no equilíbrio ecológico local, atingindo aves e lagartixas. Tais incidentes revelam que soluções baseadas apenas no extermínio, além de ineficazes, ampliam os danos ambientais (LIMA, 2023).

Nesse contexto, o design se apresenta como um campo estratégico de ação, capaz de propor soluções que conciliem educação, empatia e sustentabilidade. Por meio de materiais visuais acessíveis e informativos, o design pode ajudar a divulgar práticas seguras de manejo, orientar a população sobre formas corretas de afastamento e prevenção, e organizar campanhas de conscientização que desestimulem o uso de métodos cruéis.

3. ANIMAIS SINANTRÓPICOS

Define-se como fauna sinantrópica “populações animais de espécies silvestres nativas ou exóticas, que utilizam recursos de áreas humanas, de forma transitória em seu deslocamento, como via de passagem ou local de descanso; ou permanente, utilizando-as como área de vida” (IBAMA, 2006, p.1). Estudar esses animais se torna relevante, visto que ainda existem estigmas associados eles, além de ser uma importância para a saúde pública e à qualidade de vida, uma vez que a propagação do conhecimento de qual atitude tomar ao se deparar com esses animais nas residências resulta em benefícios mútuos em relação ao animal e ao ser humano.

Diferente dos animais domésticos que ao longo do tempo tornaram-se dependentes do homem apresentando características biológicas e comportamentais em estreita relação com ele (IBAMA, 2006), os animais sinantrópicos não dependem da ajuda humana direta para sobreviver, além de muitas vezes ter alta adaptabilidade e capacidade reprodutiva, se tornando um incômodo e desconforto para as pessoas (ZORZENON, 2002). Apesar de não necessitarem da assistência do ser humano para sobreviverem, os animais sinantrópicos ainda vivem no mesmo espaço que eles, usufruindo de abrigo e alimentos oriundos da atividade humana para com o recinto em que atua cotidianamente. Para mais, a existência desses animais no cenário urbano é proveniente da carência de suprimentos básicos da natureza, fazendo com que eles precisem recorrer – indiretamente – aos recursos antrópicos, que seriam as decorrências resultantes da dinâmica urbana (LIMA, 2023).

O problema que se instala com a presença dos animais sinantrópicos na vida urbana é a falta do conhecimento da comunidade em geral de como lidar com a presença desses animais em suas residências, dado a fácil proliferação deles devido à alta reprodutividade. Essa ausência de conhecimento, resultante da falta de mobilização de políticas públicas e da inobservância de estratégias de manejo integradas à realidade dos locais, acaba por provocar a generalização desses animais, fazendo com que se estabeleça um senso comum de que todos são perigosos, e acabam por exterminar animais desse segmento que desempenham benefícios para o cenário urbano, como o controle de pragas, reciclagem de nutrientes e serviços ecológicos e decomposição (LIMA, 2023).

Esse senso comum, por sua vez, é resultante do conhecimento geral de que há animais sinantrópicos peçonhentos que podem gerar riscos à saúde humana, causando uma generalização dessa categoria onde resulta no extermínio de espécies que beneficiam o ambiente urbano por ajudar a manutenção do ecossistema. Outro fator que também influencia o extermínio desses animais, é o sentimento de medo e repulsa que eles podem provocar pela aparência que possuem por se tratar de animais que podem não possuir uma aparência agradável

à percepção humana ao mesmo tempo que suas reações de defesa podem ser interpretadas de forma equivocada e serem associados à alta periculosidade. A combinação da negligência dos órgãos públicos sobre essa questão com a ação de extermínio ocasionado pelo senso comum resulta na comercialização em massa de produtos que matam esses animais, além de também normalizar torturas contra eles que são praticadas cotidianamente e, às vezes, até são gravadas e publicadas gerando entretenimento acima do animal torturado.

Para entender melhor as características de alguns animais sinantrópicos mais comuns em áreas urbanas, com enfoque na área do município de Trindade, propõe-se abordar três desses animais: os ratos, os sapos e os pombos. Esses três animais desempenham a função de controle de insetos e dispersão de sementes, ajudando na preservação de espécies de plantas e na contenção de pragas que são prejudiciais à vida humana. Ademais, eles também são os animais que expressamente estão presentes no cotidiano urbano, ocupando espaços próximos ou dentro das residências em busca de abrigo e alimento, o que os coloca no centro de conflitos gerados por mitos e preconceitos que, infelizmente, resultam em sua dizimação indiscriminada em vez de um manejo preventivo e consciente.

3.1 RATOS

Com a urbanização e o acúmulo de resíduos, os ratos encontram nas cidades condições favoráveis para abrigo, alimentação e reprodução. Entre as espécies mais comuns estão a ratazana (*Rattus norvegicus*) (Figura 3), o rato de telhado (*Rattus rattus*) (Figura 4) e o camundongo (*Mus musculus*) (Figura 5). Sua presença está diretamente relacionada a fatores como descarte inadequado de lixo, acúmulo de entulho e falhas na vedação de residências. Nessas condições, podem causar prejuízos materiais, como danos a estruturas e contaminação de alimentos. Em relação à saúde, os principais riscos associados aos ratos estão ligados ao contato com ambientes contaminados por sua urina, fezes ou secreções. A transmissão de doenças como Leptospirose, Hantavirose e Salmonelose ocorre, principalmente, pela ingestão de alimentos contaminados, pelo contato com água ou solo contaminados, pela inalação de partículas presentes no ambiente (FUNASA, 2002).

3.1.1 RATAZANAS



Figura 1: Ratazana. Fonte: Earthpedia, [s.d.]

Nome vulgar: Ratazana, rato de esgoto.

Nome científico: *Rattus norvegicus*.

Distribuição Geográfica: Cosmopolita, especialmente em áreas urbanas com acúmulo de lixo e proximidade de esgotos (MINISTÉRIO DA SAÚDE, 2002).

Alimentação: Onívoro, prefere grãos, carnes, ovos e frutas (MINISTÉRIO DA SAÚDE, 2002).

Reprodução/Prole: Maturidade sexual é atingida por volta de 60 a 90 dias. A gestação é de 22 a 24 dias, com ninhadas de 7 a 12 filhotes (8 a 12 ninhadas/ano) (ZUBEN, 2006).

3.1.2 RATO PRETO



Figura 2: Rato Preto. Fonte: *australiangeography*, [s.d.]

Nome vulgar: Rato preto, rato de telhado.

Nome científico: *Rattus rattus*.

Distribuição Geográfica: Predominante na maior parte do interior do Brasil, sendo comum nas propriedades rurais e pequenas e médias cidades do interior (MINISTÉRIO DA SAÚDE, 2002).

Alimentação: Onívoro, preferência por legumes, frutas e grãos (MINISTÉRIO DA SAÚDE, 2002).

Reprodução/Prole: A maturidade sexual ocorre de 60 a 75 dias e o período de gestação é de 20 a 22 dias, com ninhadas de 7 a 12 filhotes (4 a 8 ninhadas/ano) (ZUBEN, 2006).

3.1.3 CAMUNDONGO



Figura 3: Camundongo. Fonte: biodiversity4all[s.d.]

Nome vulgar: Camundongo, catita, rato caseiro.

Nome científico: *Mus musculus*.

Distribuição Geográfica: É a espécie que atinge maior nível de dispersão, sendo encontrado praticamente em todas as regiões geográficas e climáticas do planeta (MINISTÉRIO DA SAÚDE, 2002).

Alimentação: Onívoro, preferência por grãos e sementes (MINISTÉRIO DA SAÚDE, 2002).

Reprodução/Prole: A maturidade sexual é de 42 a 45 dias e o período de gestação, em média, é de 19 a 21 dias, com ninhadas de 3 a 8 filhotes (5 a 6 ninhadas/ano) (ZUBEN, 2006).

3.2 SAPOS

Os sapos, rãs e pererecas (anuros) são animais que podem ser encontrados em áreas urbanas devido à disponibilidade de abrigo, umidade e alimento. Esses animais possuem hábitos predominantemente noturnos e exercem importante função ecológica no ambiente urbano. Apesar dos receios frequentemente associados a esses animais, os sapos não transmitem cobeiro, não são vetores de doenças para seres humanos e não possuem comportamento agressivo. Da mesma forma, não são capazes de lançar veneno contra pessoas. Seus mecanismos de defesa são predominantemente passivos e utilizados apenas quando se sentem ameaçados. O principal cuidado relacionado à presença desses animais envolve os animais domésticos. Algumas espécies, como o sapo-cururu (*Rhinella* spp.) (Figura 6), possuem glândulas que liberam substâncias tóxicas quando comprimidas. Dessa forma, cães e gatos podem sofrer intoxicação ao tentar morder ou abocanhar o animal. (BUTANTAN, 2024).

3.2.1 SAPO CURURU



Figura 4: Sapo cururu. Fonte: inaturalist, [s.d.]

Nome vulgar: Sapo Cururu.

Nome científico: *Rhinella jimi*.

Distribuição Geográfica: Ampla dispersão territorial, abrangendo concentradamente o limite sul da Amazônia até o sul do Texas (EUA) (LIMA et al., 2005).

Alimentação: Invertebrados, como aranhas, besouros, gafanhotos, formigas e cupins (LIMA et al., 2005).

Reprodução/Prole: A reprodução ocorre principalmente durante a estação chuvosa. A desova, de aproximadamente 4.000 a 10.000 ovos, é depositada na superfície d'água como um cordão gelatinoso (LIMA et al., 2005).

3.3 POMBOS

O pombo doméstico (*Columba livia*) (Figura 7) é uma das espécies sinantrópicas mais comuns em ambientes urbanos, estando amplamente adaptado à convivência com o ser humano. Sua presença nas cidades está relacionada à facilidade de abrigo em estruturas arquitetônicas, além da oferta constante de alimento. Em termos de saúde, o risco está principalmente na inalação de partículas provenientes de fezes secas, que podem conter fungos, bactérias e outros microrganismos, especialmente em locais com grande concentração dessas aves. Além disso, parasitas como ácaros e piolhos associados aos pombos podem migrar para ambientes próximos, causando reações alérgicas e problemas respiratórios (NUNES, 2003). Dessa forma, os impactos relacionados aos pombos estão mais associados à sua alta concentração em determinados locais e às condições ambientais.

3.3.1 POMBO COMUM



Figura 5: Pombo-comum. Fonte: 123rf, [s.d.]

Nome vulgar: Pombo.

Nome científico: *Columba livia*.

Distribuição Geográfica: Atualmente possui ampla distribuição graças a sua alta capacidade de adaptação a diversos ambientes (Figueiredo, 2014).

De acordo com o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE, 2022), a cidade de Trindade possui 142.431 habitantes distribuídos em uma área territorial de 712,690 km². A densidade demográfica é de 199,85 hab/km², indicando um município em expansão urbana significativa, com aumento contínuo da ocupação residencial e comercial. Trindade apresenta uma composição territorial que mescla áreas urbanizadas, zonas periféricas em desenvolvimento e extensões rurais ainda ativas, cenários que favorecem diferentes formas de interação entre humanos, ambientes modificados e animais adaptados ao convívio próximo às atividades humanas.

Sobre a assistência de órgãos públicos responsáveis pelo manejo de animais sinantrópicos, somente é presente, neste município, o Corpo de Bombeiros e a Vigilância Sanitária. Esse fato indica uma defasagem no que diz respeito à presença de órgãos especializados para atuarem nas demandas de aparição desses animais, visto que o Centro de Triagem de Animais Silvestres (CETAS) e o Centro de Zoonoses são as instituições específicas que prestam o serviço para esse segmento. Apesar do Corpo de Bombeiros e a Vigilância Sanitária serem um dos meios de assistência que a população encontra, suas atribuições principais não cobrem o manejo cotidiano e preventivo nas residências. O Corpo de Bombeiros é acionado majoritariamente para situações de emergência ou resgate de animais que apresentem perigo imediato, enquanto a Vigilância Sanitária atua com foco na fiscalização de estabelecimentos comerciais e de saúde.

Diferente de Trindade, outros municípios vizinhos ou de maior porte contam com uma estrutura integrada onde o Centro de Zoonoses realiza o monitoramento e o controle preventivo dessas espécies, e o CETAS recebe, tria e destina os animais que necessitam de manejo biológico adequado. Em Trindade, a dificuldade em contatar autoridades competentes para essas ocorrências rotineiras sobrecarrega os serviços de emergência e deixa a comunidade sem um fluxo de atendimento claro. Como consequência direta dessa falta de suporte e orientação pública especializada, os moradores acabam recorrendo a métodos próprios e imediatistas para solucionar os transtornos, o que impulsiona o uso de venenos e práticas de extermínio que põem em risco a saúde coletiva e o equilíbrio ambiental da região.

Para realizar a pesquisa de uma forma que tivesse uma coerência maior com a realidade, houve a formulação de um questionário para entrevistas semiestruturadas baseado nos artigos: “Diretrizes para o uso de entrevistas semiestruturadas em investigações científicas”, desenvolvido em 2021 por Taísa Guazi, e “A entrevista semiestruturada na pesquisa qualitativa-interpretativa: um guia de análise processual”, desenvolvido em 2022 por Elaine de Castro e Ulisses Oliveira. O questionário foi aplicado em duas regiões: o condomínio Village (Figura 9)

e um quarteirão do Setor Sul (Figura 10). O primeiro local selecionado, o condomínio Village, foi escolhido por ser uma área de moradias submetidas a uma gestão comum com peculiaridades diferentes da vivência em áreas residenciais convencionais. Já o segundo local, o quarteirão do Setor Sul, foi selecionado pois é uma área que reúne características residenciais relevantes para a análise, por seu posicionamento no bairro e pelo modo de vivência diferente e complementar à experiência do condomínio fechado. A escolha desse recorte territorial considera aspectos como acessibilidade, densidade habitacional, circulação cotidiana de moradores e facilidade de acompanhamento das dinâmicas observadas. (Modelo do questionário aplicado no ANEXO C)

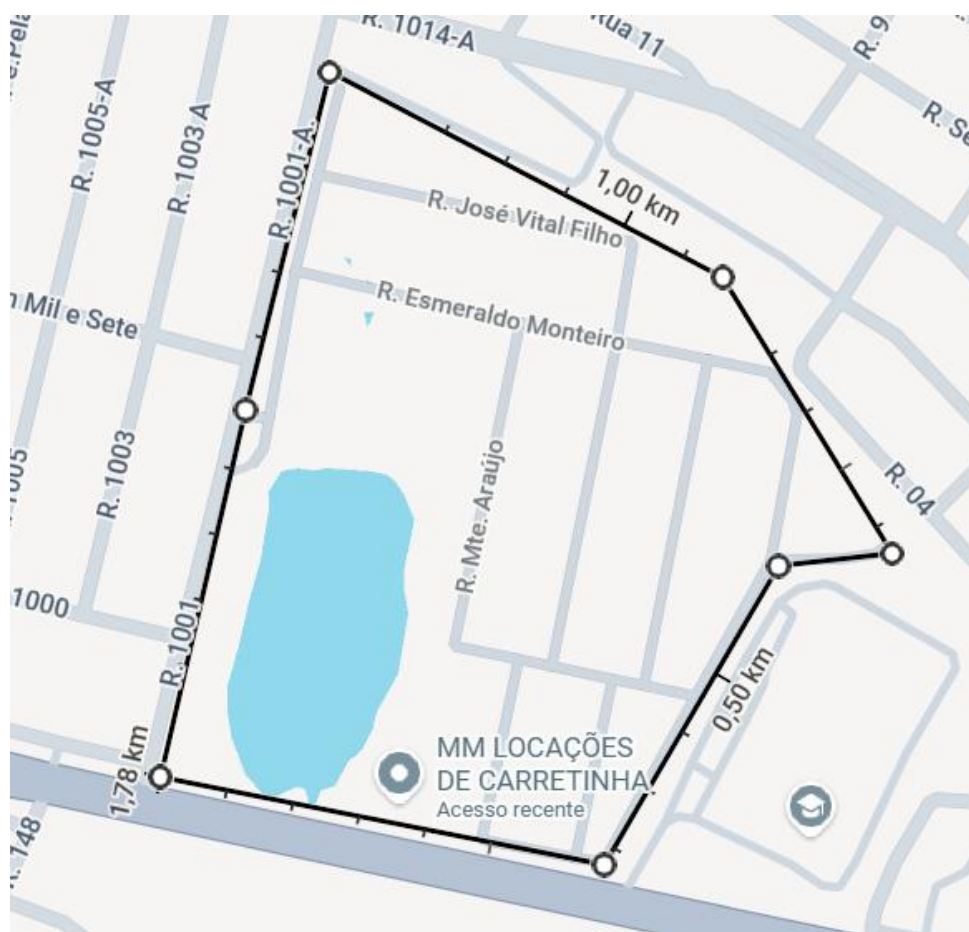


Figura 7: Localização do Condomínio Village, Trindade Goiás. Fonte: Google Maps, 2026.

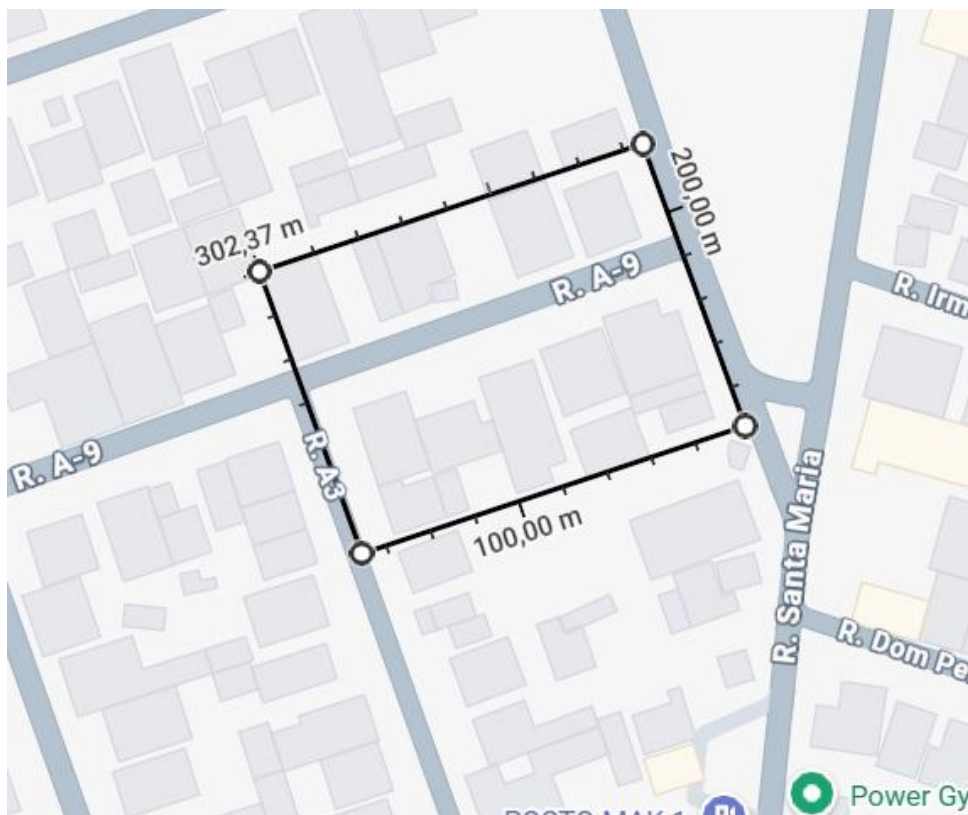


Figura 8: Localização do Quarteirão do Setor Sul, Trindade Goiás. Fonte: Google Maps, 2026.

A entrevista contou com 13 participantes, sendo 7 do Condomínio Village e 6 do quarteirão do Setor Sul. Ao longo da aplicação do questionário semiestruturado, foi percebido uma predominância da presença do rato, do pombo e do sapo como animais que se localizam nessas regiões e que geram medo e desconforto na população. O que é colocado em destaque em geral, é a reação da maioria dos entrevistados com a presença do rato, as respostas que foram dadas para a solução da aparição dele vieram com o uso de veneno e agressão assim como constam nos trechos das respostas abaixo quando foi dada a pergunta: Quando aparece um desses animais, o que você faz? (A identidade dos entrevistados está preservada, apenas será citado suas contribuições na pesquisa)

Entrevistado 1 (Condomínio) – “Nunca apareceu, mas se eu vir eu mato”

Entrevistado 2 (Condomínio) – “Rato eu mato, cobra se eu conseguir mato também. Estavam colocando remédio para matar os pombos”

Entrevistado 3 (Setor Sul) – “Jogo veneno para matar”

Entrevistado 4 (Setor Sul) – “Rato tento matar a paulada. Sapo só espanto ele porque pode jogar leite, aí não mato”

Quando foi perguntado se os entrevistados sentiam que já tinham recebido orientações suficientes sobre prevenções, as respostas majoritariamente recebidas foram negativas, indicando carência de instruções públicas no que se refere ao manejo e prevenção desses animais. Diante das respostas negativas, foi perguntado então quais poderiam ser as soluções desenvolvidas para ajudar a impulsionar a conscientização da população, onde foi recebido respostas sugerindo materiais informativos impresso e digital.

Por meio do resultado da aplicação dos questionários, são confirmadas as inquietações levantadas acerca da falta do conhecimento público sobre o manejo correto de animais sinantrópicos ao mesmo tempo em que há a forte presença do hábito de tratarem por conta própria com a presença desses animais por meio do envenenamento e violência. A partir dessa constatação, o projeto de campanha para a comunicação e formação de rede de apoio para lidar com esse problema se mostra como um recurso de extrema relevância para suprir essa demanda que gera sofrimento nos animais e permanece o senso comum na população. Desse modo, a iniciativa busca somar esforços no município de Trindade, oferecendo caminhos informativos que ajudem os moradores a entenderem melhor essas espécies e a adotarem cuidados preventivos no dia a dia. Com um diálogo mais simples e acessível, o intuito é tentar diminuir os impactos da violência e do medo, estimulando uma convivência um pouco mais segura e consciente para todos no bairro.

5. PROJETO

5.1. METODOLOGIA

Diante da problemática identificada nesta pesquisa, relacionada à falta de informação e às reações inadequadas da população ao se deparar com animais sinantrópicos, o design se apresenta como uma ferramenta estratégica capaz de atuar na mediação entre conhecimento técnico e experiência cotidiana. Nesse contexto, diferentes possibilidades de atuação poderiam ser exploradas, como o desenvolvimento de materiais educativos, sistemas de sinalização urbana, intervenções em espaços públicos ou plataformas digitais informativas. Todas essas abordagens possuem potencial para contribuir com a conscientização da população e a promoção de práticas mais adequadas no convívio com a fauna urbana.

No entanto, considerando a complexidade da situação-problema e a necessidade de alcançar o público de forma contínua e acessível, optou-se pelo desenvolvimento de uma campanha de comunicação. Essa escolha se justifica pela capacidade de articular múltiplos suportes e linguagens, permitindo que a informação esteja presente em diferentes momentos do cotidiano.

A campanha também se mostra adequada ao público-alvo identificado na pesquisa: adultos com mais de 45 anos, residentes em contexto urbano. A partir das entrevistas realizadas, observou-se que esse grupo tende a reagir com base no medo, no senso comum e na ausência de orientação clara, além de apresentar menor familiaridade com ambientes digitais como principal fonte de informação. Dessa forma, a proposta busca combinar materiais físicos e digitais, ampliando o alcance e facilitando o acesso à informação. Mais do que transmitir conteúdo, a campanha tem como objetivo gerar identificação, reduzir o medo e orientar ações mais seguras, contribuindo para uma convivência mais equilibrada entre humanos e animais sinantrópicos.

Para o desenvolvimento deste projeto, foi selecionado a combinação de abordagens do design voltadas à mudança de comportamento, articulando contribuições de Wendel (2014) e de Ludden e Hekkert (2014), fundamentadas no Modelo Transteórico de Mudança Comportamental (Prochaska e Velicer, 1997). Essa escolha metodológica se justifica pela natureza da problemática abordada, que não se limita à ausência de informação, mas envolve também padrões de percepção e ação da população diante dos animais sinantrópicos. Dessa forma, o projeto demanda não apenas a divulgação de conteúdo, mas a construção de estratégias capazes de influenciar atitudes e promover formas mais adequadas de ação no cotidiano.

De acordo com Wendel (2014), o design para mudança de comportamento deve ser estruturado em quatro etapas principais: compreender, descobrir, projetar e avaliar. A fase de compreensão consiste no levantamento de informações sobre o contexto, incluindo as motivações, percepções e dificuldades do público. Em seguida, na etapa de descoberta, são definidos o público-alvo e o comportamento que se pretende modificar. A fase de projeção envolve o desenvolvimento das soluções, considerando não apenas o artefato, mas também o contexto em que ele será utilizado. Por fim, a etapa de avaliação permite analisar os impactos do projeto e gerar aprimoramentos, caracterizando o processo como iterativo.

Complementarmente, foi adotado o modelo proposto por Ludden e Hekkert (2014), que associa estratégias de design às diferentes etapas da mudança comportamental, com base no Modelo Transteórico (Figura 11). Segundo esse modelo, o processo de mudança ocorre em cinco estágios: pré-contemplanção, contemplação, preparação, ação e manutenção, cada um representando um nível distinto de motivação do indivíduo. No estágio de pré-contemplanção, o indivíduo ainda não reconhece a necessidade de mudança. Na contemplação, surgem as primeiras reflexões sobre o problema. A preparação envolve a intenção de agir, enquanto a ação corresponde à implementação de novos comportamentos. Por fim, a manutenção refere-se à consolidação dessas mudanças ao longo do tempo.



Figura 9: Modelo para o comportamento saudável. Fonte: Adaptado de Ludden e Hekkert, 2014.

A partir dessa estrutura, Ludden e Hekkert (2014) propõem quatro tipos de intervenção de design: sensibilização, capacitação, motivação e atenuação gradual. As estratégias de sensibilização têm como objetivo ampliar a consciência do indivíduo sobre suas ações e suas consequências. As intervenções de capacitação oferecem suporte para que o usuário saiba como agir. Já as estratégias de motivação auxiliam na manutenção dos novos comportamentos, enquanto a atenuação gradual busca reduzir a dependência do suporte projetado, promovendo autonomia.

No contexto deste projeto, essas abordagens foram fundamentais para orientar o desenvolvimento da campanha de comunicação. Considerando que grande parte do público se encontra entre os estágios de pré-contemplanção e contemplanção, demonstrando desconhecimento ou percepções distorcidas sobre os animais sinantrópicos, as estratégias priorizam a sensibilização e a capacitação, sem deixar de incorporar elementos que favoreçam a motivação e a continuidade das práticas sugeridas. Dessa forma, a metodologia adotada permite estruturar o projeto não apenas como um conjunto de peças informativas, mas como um sistema de comunicação capaz de atuar em diferentes níveis de engajamento do usuário, contribuindo para a construção gradual de novos comportamentos no convívio com a fauna urbana.

O desenvolvimento do projeto foi estruturado a partir das etapas metodológicas previamente definidas, organizadas em quatro momentos principais: preparação, ação, manutenção e conclusão. Essa organização permitiu compreender o problema, explorar possibilidades projetuais e consolidar soluções coerentes com os objetivos da pesquisa.

Preparação

A etapa de preparação teve como objetivo compreender o contexto da problemática e identificar padrões de comportamento relacionados à presença de animais sinantrópicos no ambiente doméstico. Para isso, foram consideradas as informações obtidas por meio das entrevistas, bem como a análise de situações recorrentes no cotidiano urbano. Ademais, foram realizados estudos de projetos similares, com foco em campanhas educativas, materiais informativos e iniciativas voltadas à saúde pública e conscientização ambiental, organizados em similares de estratégia (Figura 12), similares diretos (Figura 13) e similar metodológico (Figura 14). Essa análise permitiu identificar estratégias de comunicação utilizadas, linguagens visuais adotadas, formatos de materiais e formas de abordagem do público.

Matriz de Análise de Similares

Projeto / campanha	Contexto e objetivo	Público-alvo	Formato e suporte	Estratégia comunicacional	Pontos fortes	Limitações / lacunas
Similares diretos — fauna sinantrópica / peçonhenta						
Campanha "Amigo Bicho" <i>IAT / Paraná</i>	Foi motivada pelo aumento de casos de violência contra animais silvestres, causados principalmente por medo e desinformação. Busca reduzir agressões e orientar a população sobre como agir corretamente ao encontrar esses animais.	População em geral, especialmente pessoas que podem ter contato com animais silvestres.	Digital e suporte institucional	Informa e orienta ação de forma clara. Também utiliza elementos que geram impacto emocional, como relatos de maus-tratos.	Uso de casos reais que geram impacto, clareza nas orientações do que fazer e reforço da convivência pacífica.	Pouca presença em materiais físicos ou no ambiente doméstico, onde a decisão acontece.
Campanha escorpião amarelo <i>SESA / Paraná</i>	Foi motivada pelo aumento significativo de acidentes com escorpiões, especialmente o escorpião-amarelo. Busca orientar a população sobre como evitar a presença do animal e como agir em caso de acidente, a fim de evitar picadas.	População em geral, com foco em moradores de regiões com maior incidência como o Paraná, especialmente pessoas responsáveis pelo cuidado da casa e do ambiente doméstico.	Impresso (folders), digital (redes sociais), audiovisual (vídeos e áudios em TV e rádio)	Informa e orienta ação de forma clara e direta. Utiliza dados e números de casos e mortes para gerar impacto.	Clareza nas orientações, práticas de prevenção, uso de múltiplos canais de comunicação e direcionamento para regiões com maior incidência. Traz informações específicas e aplicáveis ao cotidiano.	Linguagem mais técnica, pouca aproximação emocional com o público e ausência de estratégias mais visuais ou interativas que facilitem o engajamento contínuo.
Guia Ilustrado de Animais Peçonhentos <i>UEPB</i>	Foi motivado pela alta quantidade de acidentes com animais peçonhentos e pela falta de informação adequada sobre identificação e primeiros socorros. Busca reduzir acidentes, corrigir práticas erradas e promover uma convivência mais segura e consciente com esses animais.	População em geral da região da Paraíba, com foco em pessoas que têm mais chance de estar em contato com esses animais.	Impresso (livro/guia ilustrado), tendo também ele digital.	Informa e orienta ação de forma clara e didática. Também contribui para a desmistificação de falsas crenças, mas com menor foco emocional.	Uso de ilustrações para facilitar identificação, linguagem educativa acessível, integração entre conhecimento científico e realidade local, além de orientar tanto prevenção quanto primeiros socorros.	Ausência de estratégias contínuas de engajamento ou circulação no dia a dia

Figura 10: Similares diretos. Fonte: Autoria própria, 2026.

Projeto / campanha	Contexto e objetivo	Público-alvo	Formato e suporte	Estratégia comunicacional	Pontos fortes	Limitações / lacunas
Similares de estratégia — sensibilização e mudança de comportamento						
"Algoritmo Selvagem" / "Não é livre, eu não curto" <i>Ampara Animal / IBAMA + WWF</i>	Foi motivado pelo crescimento do tráfico de animais silvestres e pela influência das redes sociais na normalização desse comportamento. Busca combater a desinformação e mudar percepções e atitudes da população em relação à fauna, utilizando comunicação digital e cultural.	Principalmente usuários de redes sociais, com foco em públicos mais jovens, mas também alcançando a população em geral que consome conteúdo digital e cultural.	Maior parte no digital, em redes sociais, mas com momentos culturais presenciais, do tipo: arte urbana, exposições, música, audiovisual.	Informa, emociona e influencia comportamento. Atua fortemente na sensibilização por meio de linguagem acessível, estética e narrativas culturais.	Uso de linguagem próxima do público, alto alcance nas redes sociais, capacidade de engajamento e uso da arte e cultura para gerar empatia e reflexão. Consegue atingir públicos que campanhas institucionais não alcançam.	Depende totalmente do engajamento do público e tem menores chances de alcançar as pessoas mais velhas ou menos conectadas digitalmente. Além de depender diretamente que um influenciador com alcance decida falar sobre isso
"Defaunação, não! Refaunação, já!" <i>Proteção Animal Mundial</i>	Foi motivado pela necessidade de aumentar a conscientização sobre as ameaças à fauna silvestre, especialmente relacionadas ao desmatamento e perda de biodiversidade. Busca sensibilizar o público e tornar o tema mais próximo e compreensível.	População em geral, incluindo adultos e crianças, com foco em pessoas que circulam em espaços públicos urbanos.	Principalmente presencial (evento na rua), com apoio de materiais impressos e elementos interativos.	Informa e emociona, focando na sensibilização. A orientação de ação é mais voltada à conscientização e engajamento.	Alto nível de interação com o público, uso de experiências sensoriais e lúdicas, aproximação por meio da arte e atividades, além de alcançar diferentes faixas etárias. Cria conexão emocional com o tema.	Não identifiquei lacunas

Figura 11: Similares de estratégia. Fonte: Autoria própria, 2026.

Projeto / campanha	Contexto e objetivo	Público-alvo	Formato e suporte	Estratégia comunicacional	Pontos fortes	Limitações / lacunas
Projeto Binóculos da Liberdade <i>Ampara Animal</i>	Foi motivado pela necessidade de valorizar a fauna urbana e combater a relação baseada na caplura e no medo dos animais silvestres. Busca incentivar uma mudança de percepção por meio da observação, promovendo respeito e conservação.	População em geral, incluindo pessoas interessadas em natureza, educação ambiental.	Presencial (caminhadas guiadas, atividades em parques) e digital (usando plataformas já existentes como auxiliares na campanha)	Informa, emociona e orienta ação de forma indireta. A ação proposta é a prática da observação como forma de conexão e valorização da fauna.	Cria conexão emocional com os animais, promove experiência direta com a natureza, incentiva participação ativa do público e aproxima ciência e cotidiano por meio da observação.	Pouco foco em situações de conflito direto dentro do ambiente doméstico, depende do interesse ativo do público, e não atua diretamente no momento de decisão quando o animal aparece dentro de casa.
Similar metodológico						
Design with Intent <i>Lidman e Renstrom</i>	A dificuldade de transformar conhecimento em ação. Muitas pessoas sabem o que fazer, mas não mudam seu comportamento. A abordagem busca justamente reduzir essa distância entre saber e agir.	Para designers e pesquisadores que desenvolvem projetos com impacto social, ambiental ou comportamental, e que precisam influenciar decisões e práticas dos usuários.	Referencial teórico-metodológico aplicado ao desenvolvimento de produtos, serviços ou sistemas. Sendo utilizado como base conceitual para orientar decisões de projeto.	Design para o bem-estar, modelo para o comportamento saudável	Dá muito suporte para identificar onde estão os problemas nas ações das pessoas e como o designer pode influenciar nesses hábitos	Não identifiquei lacunas

Figura 12: Similar metodológico. Fonte: Autoria Própria, 2026.

A partir dessa análise, foi possível observar que grande parte dos materiais existentes prioriza uma abordagem informativa, muitas vezes técnica ou alarmista, o que pode dificultar a identificação do público e reforçar percepções negativas. Também foi identificado que poucos projetos exploram a continuidade da comunicação no cotidiano, limitando-se a ações pontuais. Esses aspectos contribuíram diretamente para a definição das diretrizes do projeto.

Ação

A fase de ação concentrou-se na geração de alternativas projetuais, envolvendo o desenvolvimento de ideias, testes visuais e experimentações de linguagem. Nesse momento, foram exploradas diferentes abordagens para a comunicação com o público, buscando equilibrar informação e proximidade, sem recorrer a estratégias que reforçassem o medo ou o distanciamento. Foram realizados estudos de naming, identidade visual e possíveis formatos de aplicação, incluindo materiais impressos, objetos e suporte digital. Também foram desenvolvidos rascunhos e variações de elementos gráficos, considerando diferentes níveis de complexidade e legibilidade, especialmente voltados ao público com mais de 45 anos. Durante esse processo, foram avaliadas alternativas que priorizavam tanto a clareza da informação quanto a capacidade de gerar identificação e empatia. A presença de ilustrações foi explorada como recurso para suavizar a abordagem e facilitar a compreensão, ao mesmo tempo em que contribui para a construção de uma identidade visual consistente.

Manutenção e conclusão

A etapa de manutenção e conclusão corresponde à seleção e refinamento das propostas desenvolvidas, resultando na consolidação da solução final do projeto. A partir dos estudos realizados, foi optado pela construção de uma campanha de comunicação composta por diferentes elementos, articulando materiais físicos e digitais. Essa decisão está diretamente relacionada à necessidade de ampliar o alcance da informação e garantir sua permanência no cotidiano do público. Diferentemente de ações pontuais, a proposta busca estabelecer uma presença contínua, permitindo que o conteúdo seja acessado em diferentes momentos e contextos. Nesse sentido, foram definidos os principais componentes da campanha, incluindo materiais informativos, objetos de uso cotidiano e uma plataforma digital complementar. Cada elemento foi projetado para cumprir uma função específica dentro da estratégia geral, contribuindo para diferentes níveis de engajamento do usuário.

Diretrizes de projeto e conceito

A partir das etapas anteriores, foram estabelecidas diretrizes que orientaram o desenvolvimento do projeto, garantindo coerência entre a proposta, o público e a problemática abordada. Entre as principais diretrizes, destacam-se:

- Utilizar uma linguagem acessível, evitando termos técnicos excessivos;
- Não reforçar o medo ou a repulsa, priorizando uma abordagem informativa e equilibrada;
- Facilitar a compreensão das informações, considerando aspectos de legibilidade e organização visual;
- Promover identificação com o público, por meio de uma comunicação mais próxima e empática;
- Integrar suportes físicos e digitais, ampliando o alcance e a continuidade da informação;
- Estimular ações práticas no cotidiano, oferecendo orientações claras sobre como agir.

Com base nessas diretrizes, o conceito do projeto foi estruturado a partir da ideia de aproximação pelo entendimento. Em vez de afastar o usuário por meio do medo, a proposta busca reduzir o estranhamento em relação aos animais sinantrópicos, incentivando uma relação baseada na informação e na consciência. Assim, o projeto propõe transformar a dúvida e o desconforto inicial, frequentemente expressos na pergunta “que bicho é esse na minha casa?”, em um ponto de partida para o conhecimento. A partir dessa abordagem, a campanha busca não

apenas informar, mas também construir uma nova forma de percepção e interação com esses animais no ambiente urbano.

5.2. NAMING

O desenvolvimento do naming e da identidade visual partiu da necessidade de construir uma comunicação acessível, empática e facilmente reconhecível pelo público-alvo. Considerando que o projeto busca reduzir o medo e aproximar o usuário do tema, optou-se por uma linguagem mais direta, cotidiana e próxima da forma como as pessoas expressam suas dúvidas no dia a dia. O nome “Que bicho é esse na minha casa?” surge a partir de um processo de exploração e análise de diferentes possibilidades de naming (fig.16). Inicialmente, foi elaborada uma lista ampla de nomes, considerando diferentes abordagens de linguagem, tom e relação com o tema. A partir dessa etapa, foi realizada uma seleção das opções mais relevantes, resultando em uma lista reduzida que passou por análise comparativa quanto à clareza, identificação com o público e coerência com a proposta do projeto. A escolha final se deu pela capacidade do nome de estabelecer uma identificação imediata com o público, ao partir de uma fala cotidiana que traduz dúvida, surpresa e proximidade com a situação abordada pelo projeto. A tipografia escolhida foi Sunbeat com variações regular, slow e strong, conforme apresentado na figura 15, essa escolha se justifica por sua capacidade de sintetizar a proposta do projeto de forma direta e memorável.

QUE BICHO É ESSE NA MINHA CASA?

Figura 13: Naming e tipografia escolhida. Fonte: Autoria própria, 2026.

Teste de Nome

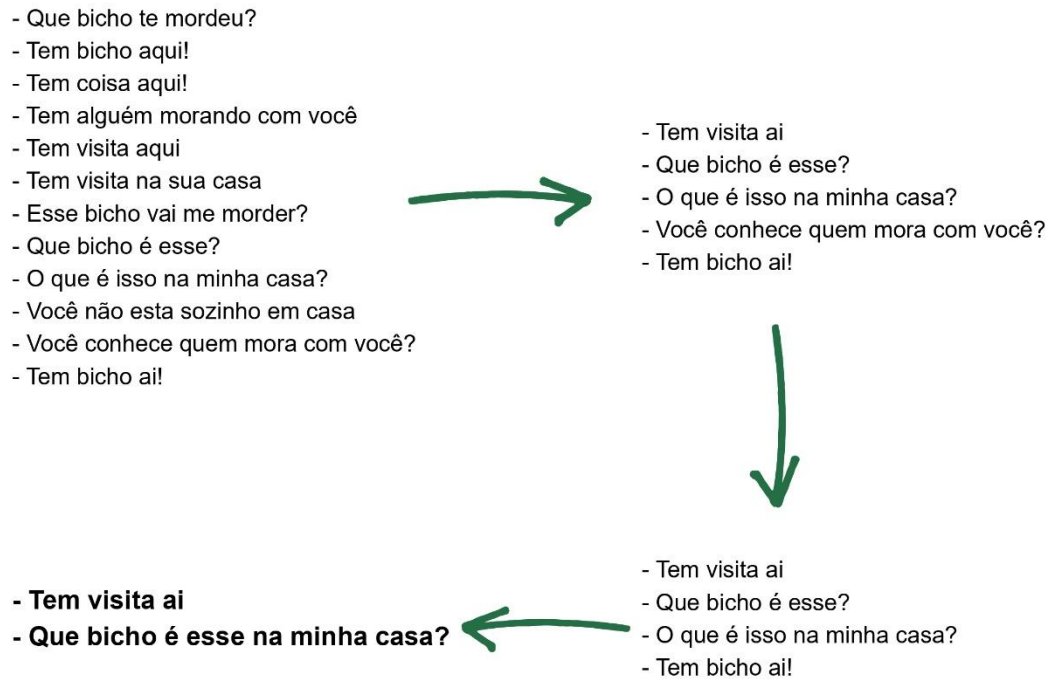


Figura 14: Testes de Nomes. Fonte: Autoria Própria, 2026.

Teste de tipografia do Naming

Antes da definição final da tipografia, foram realizados estudos exploratórios com diferentes estilos (Figuras 17, 18 e 19), buscando compreender quais abordagens melhor dialogavam com o conceito do projeto e com o público-alvo. As opções apresentadas a seguir correspondem a testes tipográficos que foram posteriormente descartados, por não atenderem de forma satisfatória aos critérios de identificação e coerência com a proposta da campanha.

QUE BICHO É ESSE NA MINHA CASA?	QUE BICHO É ESSE NA MINHA CASA?	QUE BICHO É ESSE NA MINHA CASA?
QUE BICHO É ESSE NA MINHA CASA?	QUE BICHO É ESSE NA MINHA CASA?	QUE BICHO É ESSE NA MINHA CASA?
QUE BICHO É ESSE NA MINHA CASA?	QUE BICHO É ESSE NA MINHA CASA?	QUE BICHO É ESSE NA MINHA CASA?

Figura 15: Teste de tipografia do Naming. Fonte: Autoria própria, 2026.

Teste de tipografia – “Que bicho é esse na minha casa?”

QUE BICHO É ESSE NA MINHA CASA?

QUE BICHO É ESSE NA MINHA CASA?

Que bicho é esse na minha casa?

Que bicho é esse na minha casa?

Que bicho é esse na minha casa?

Figura 16: Teste de tipografia “Que bicho é esse na minha casa?”. Fonte: Autoria Própria, 2026.

Teste de tipografia – “Tem visita!”

Tem visita!

Tem visita!

Tem visita!

Tem visita!

Tem visita!

Tem visita!

Tem visita!

Tem visita!

Tem visita!

Tem visita!

Tem visita!

Tem visita!

Tem visita!

Tem visita!

Tem visita!

TEM VISITA AI!

TEM VISITA AI!

Figura 17: Testes de tipografia “Tem visita!”. Fonte: Autoria própria, 2026.

5.3. IDENTIDADE VISUAL

A identidade visual foi desenvolvida com o objetivo de traduzir visualmente os princípios do projeto, priorizando acessibilidade, clareza e empatia, resultando no logo e tipografia finais apresentados na Figura 20. A construção visual busca equilibrar informação e leveza, evitando reforçar percepções negativas associadas aos animais. Foram realizados estudos de composição tipográfica e organização visual da marca, explorando variações de hierarquia, peso e distribuição dos elementos textuais. A tipografia adotada contribui para a legibilidade e para o tom da comunicação, apresentando características que facilitam a leitura e reforçam a proximidade com o público.



QUE
BICHO
É ESSE NA
MINHA?
CASA?

The image displays the final logo and typography for the project. The text is arranged in five lines: 'QUE', 'BICHO', 'É ESSE NA', 'MINHA?', and 'CASA?'. The font is a bold, sans-serif typeface. The word 'QUE' is in a smaller size at the top. 'BICHO' is larger and features a small bird silhouette integrated into the letter 'Q'. 'É ESSE NA' is in a medium size, with 'NA' being slightly smaller and positioned to the right of 'ESSE'. 'MINHA?' is in a large size, with the question mark being particularly prominent. 'CASA?' is at the bottom in a large size, also featuring a question mark. The overall composition is centered and uses varying font sizes and weights to create a visual hierarchy.

Figura 18: Logo e tipografia final. Fonte: Autoria própria, 2026.

Teste de logo – Que bicho é esse na minha casa?

Durante o desenvolvimento da identidade visual, também foram exploradas diferentes propostas de logotipo (Figuras 21 e 22), buscando representar visualmente o conceito do projeto e sua relação com o público. As alternativas apresentadas a seguir correspondem a caminhos investigados ao longo do processo, que foram posteriormente descartados por não traduzirem de forma adequada a proposta de aproximação, sensibilização e identificação pretendida.



QUE
BICHO
É ESSE NA
MINHA CASA?

Figura 20: Teste Logo 1. Fonte: Autoria própria, 2026



QUE
BICHO
É ESSE NA
MINHA CASA?

Figura 19: Teste Logo 2. Fonte: Autoria própria, 2026.

5.4. PALETA DE CORES

A definição da paleta cromática considerou a necessidade de transmitir equilíbrio, naturalidade e acolhimento, evitando cores associadas a alerta ou perigo, resultando em conjuntos de cores distintos para o folder (Figura 23), para representar os animais (Figura 24) e para o site (Figura 25). A escolha busca dialogar com o contexto ambiental e reforçar a proposta de uma abordagem mais tranquila e informativa. As cores foram pensadas para aplicação tanto em materiais impressos quanto digitais, garantindo consistência visual em diferentes suportes.

Cores selecionadas para o Folder:

RGB: #fbf6c4 CMYK: C - 3,42 M - 0,45 Y - 31,32 K - 0	RGB: #30614a CMYK: C - 80,08 M - 37,89 Y - 71,09 K - 33,2	RGB: #000000 CMYK: C - 100 M - 100 Y - 100 K - 100
---	--	---

Figura 21: Cores selecionadas para o folder. Fonte: Autoria própria, 2026.

Cores selecionadas para representar os animais:

RGB: #752374 CMYK: C - 65,63 M - 100 Y - 14,06 K - 4,3	RGB: #594541 CMYK: C - 40,23 M - 52,73 Y - 47,27 K - 60,94	RGB: #30614a CMYK: C - 80,08 M - 37,89 Y - 71,09 K - 33,2
---	---	--

Figura 22: Cores selecionadas para representar os animais. Fonte: Autoria própria, 2026.

Cores selecionadas para o site:

RGB: #ffffbdf CMYK: C - 0,97 M - 0 Y - 16,68 K - 0	RGB: #30614a CMYK: C - 80,08 M - 37,89 Y - 71,09 K - 33,2	RGB: #000000 CMYK: C - 100 M - 100 Y - 100 K - 100
---	--	---

Figura 23: Cores selecionadas para o site. Fonte: Autoria própria, 2026.

5.5. ILUSTRAÇÕES

As ilustrações (Figuras 26 a 36), desempenham papel central na identidade do projeto, atuando como recurso de aproximação com o público. Ao representar os animais de forma estilizada e amigável, busca-se reduzir o estranhamento e facilitar a compreensão. A escolha por ilustrações, em vez de imagens realistas, permite controlar a forma como esses animais são percebidos, evitando reforçar aspectos que possam causar repulsa ou medo. Além disso, contribui para a construção de uma linguagem visual própria e reconhecível.



Figura 26

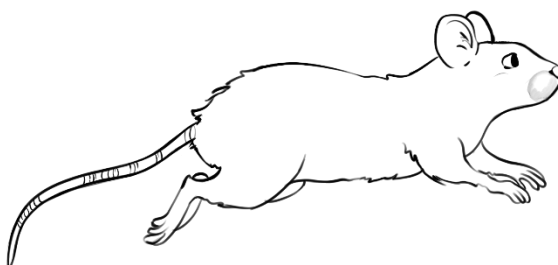


Figura 27



Figura 28



Figura 29



Figura 30

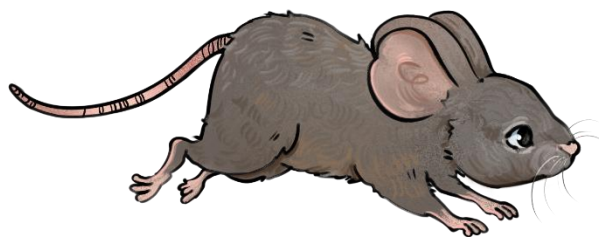


Figura 31

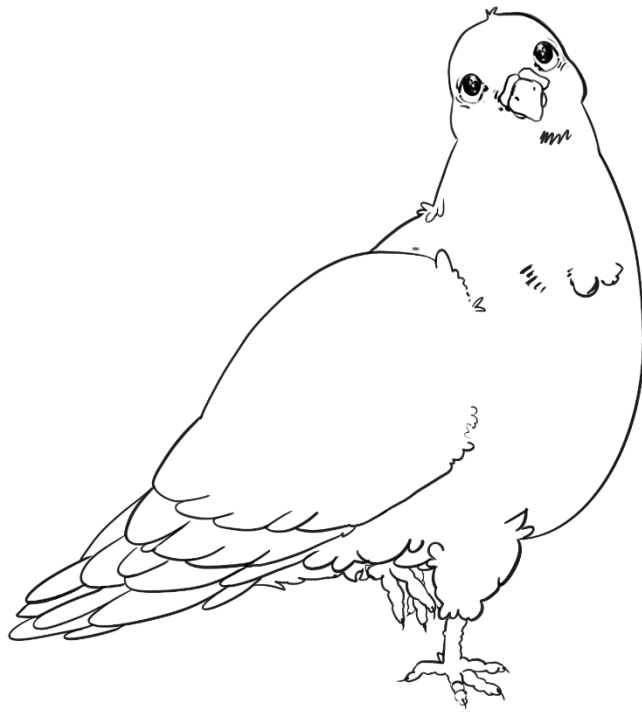


Figura 32



Figura 33

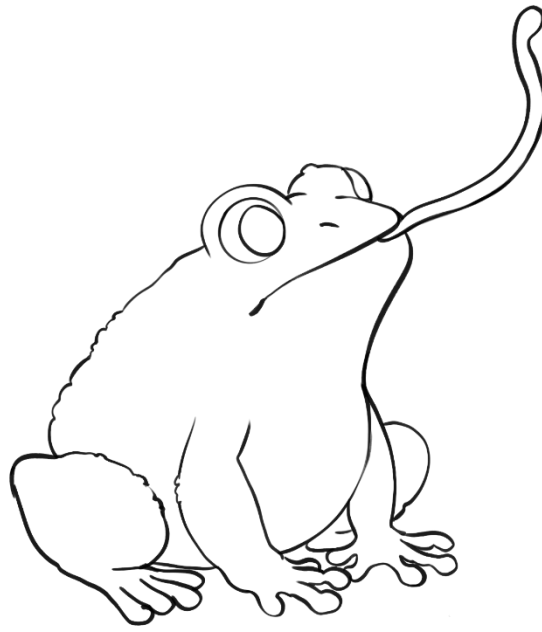


Figura 34



Figura 35



Figura 36

5.6. PRODUTO FINAL

A campanha foi estruturada a partir da criação de um conjunto de produtos que, articulados entre si, ampliam o alcance da informação e favorecem sua permanência no cotidiano do público. Cada elemento foi desenvolvido com uma função específica dentro da estratégia geral, considerando diferentes níveis de contato, compreensão e engajamento.

5.6.1. CAIXA

A caixa foi concebida como suporte de distribuição da campanha, com a proposta de ser entregue diretamente nas residências de uma área previamente definida. Essa estratégia permite que o projeto alcance o público em seu próprio contexto, sem depender de busca ativa por informação. Além de organizar os materiais, a caixa atua como um elemento de apresentação, despertando curiosidade e incentivando o primeiro contato com o conteúdo.

Para sua produção, foi definido o uso de papel micro-ondulado de 22 x 10 x 5 cm, garantindo resistência e proteção dos materiais internos. A impressão feita com aplicação em monocromia na parte externa, visando simplicidade e impacto visual direto, e policromia em 4 cores na parte interna, criando um contraste que valoriza a experiência ao abrir a embalagem e reforça o caráter informativo e visual da campanha.



Figura 247: Caixa aberta. Fonte: Autoria própria, 2026.

5.6.2 FOLDER

O folder funciona como o primeiro nível de acesso à informação, sendo o material responsável por orientar o usuário de forma rápida e objetiva sobre como agir diante da presença de animais sinantrópicos. Sua estrutura foi pensada para situações imediatas, nas quais o indivíduo precisa de uma resposta clara. Dessa forma, o folder cumpre o papel de introduzir o tema e oferecer soluções práticas, funcionando como porta de entrada para os demais conteúdos da campanha. (As imagens do folder estarão no Anexo B)

Para sua produção, foi definido o formato aberto A4 (21 x 29,7 cm), com duas dobras, permitindo a organização do conteúdo em etapas e facilitando a leitura sequencial. O material foi especificado em papel couchê fosco 150 g/m², garantindo boa qualidade de impressão e manuseio. A impressão em policromia 4/4 possibilita o uso de elementos visuais, cores e ilustrações que contribuem para a atratividade do material e reforçam a identidade visual da campanha.



Figura 38: Folder-verso. Fonte Autoria própria, 2026.



Figura 39: Folder – fechado. Fonte: Autoria própria, 2026.



Figura 40: Folder. Fonte: Autoria própria, 2026.

5.6.3. CHAVEIRO E PANO DE PRATO

O chaveiro e o pano de prato (Figuras 41 a 46), foram pensados como elementos de presença cotidiana, inserindo o projeto na rotina do usuário de forma natural. Enquanto o chaveiro acompanha o usuário em diferentes contextos, o pano de prato se insere no ambiente doméstico, reforçando a relação com o espaço onde essas situações ocorrem. Ambos utilizam elementos visuais da campanha, contribuindo para a fixação da identidade e para a continuidade da mensagem. Esses objetos atuam principalmente na dimensão da sensibilização, mantendo o tema presente de maneira sutil e constante, sem exigir uma interação direta. Para sua produção, o chaveiro foi desenvolvido em formato de pelúcia, com dimensões aproximadas de 6 x 6 cm, permitindo fácil transporte e uso diário. Já o pano de prato foi especificado em tecido de algodão, em formato padrão, com impressão em serigrafia em uma cor.



Figura 41: Pano de prato estampado com ratos. Fonte: Autoria própria, 2026.



Figura 42: Pano de prato estampado com pombo. Fonte: Autoria própria, 2026.



Figura 43: Pano de prato estampado com sapo. Fonte: Autoria própria



Figura 44: Chaveiro de rato. Fonte: Autoria própria, 2026.



Figura 45: Chaveiro de pombo. Fonte: Autoria própria, 2026.



Figura 46: Chaveiro de sapo. Fonte: Autoria própria, 2026.

5.6.4. SITE

O site (Figuras 47 e 48) atua como plataforma de continuidade da campanha, permitindo que o contato com o projeto não se limite ao momento inicial. Por meio dele, o usuário pode acessar informações complementares e, principalmente, registrar avistamentos de animais. Desenvolvido na plataforma Wix, o site possibilita a construção de um banco de dados sobre a presença de animais sinantrópicos na cidade, contribuindo para a geração de conhecimento e para o desenvolvimento de estratégias mais eficazes de manejo e convivência. Dessa forma, o site não apenas informa, mas também transforma o usuário em participante ativo do projeto.

Link: <https://dudagqrz.wixsite.com/bichoemcasa>



Figura 257: Página inicial do site “Que bicho é esse na minha casa?”.
Fonte: Autoria própria, 2026.



Figura 48: Parte de conheça os animais no site “Que bicho é esse na minha casa?”. Fonte: Autoria própria, 2026.

5.6.5. EBOOK

O ebook foi desenvolvido como material de aprofundamento, destinado àqueles que desejam compreender melhor os animais sinantrópicos, seus hábitos e sua relação com o ambiente urbano. Diferentemente do folder, que prioriza a ação imediata, o ebook oferece uma abordagem mais detalhada, contribuindo para a construção de conhecimento e para a redução de percepções equivocadas. Assim, ele atua diretamente na sensibilização do público, promovendo uma compreensão mais ampla e consciente. (As imagens do ebook estarão disponíveis no Anexo A).

CONSIDERAÇÕES FINAIS:

O presente trabalho buscou investigar de que forma o design pode contribuir para transformar a percepção negativa da população em relação aos animais sinantrópicos, promovendo uma convivência mais consciente e equilibrada no ambiente urbano do município de Trindade, Goiás. A partir da articulação entre pesquisa bibliográfica, levantamento de campo e desenvolvimento projetual, foi possível compreender a complexidade do problema e propor soluções comunicacionais embasadas tanto no conhecimento técnico sobre a fauna sinantrópica quanto nas demandas reais identificadas junto à população.

A pesquisa confirmou que a relação entre os moradores de Trindade e os animais sinantrópicos é marcada, predominantemente, pelo medo, pela desinformação e pela ausência de orientação pública especializada. As entrevistas realizadas no Condomínio Village e no quarteirão do Setor Sul evidenciaram que a reação mais comum diante da presença desses animais, com enfoque no rato, é o extermínio imediato, por meio de veneno, agressão física ou armadilhas. Esse comportamento revela um desconhecimento acerca do papel ecológico que essas espécies desempenham no equilíbrio ambiental urbano, além de configurar, em muitos casos, infração à legislação ambiental vigente.

Ficou evidente, também, que a defasagem na oferta de serviços públicos especializados no município agrava o problema. A ausência de um Centro de Zoonoses ou CETAS em Trindade deixa a população sem um canal de atendimento claro e adequado, sobrecarregando órgãos como o Corpo de Bombeiros e a Vigilância Sanitária, cujas atribuições primárias não contemplam o manejo cotidiano e preventivo de animais sinantrópicos nas residências. Diante desse cenário, a iniciativa de comunicação proposta por este projeto se mostra ainda mais necessária, uma vez que busca compensar essa lacuna informativa.

O estudo do comportamento e das características dos três animais abordados: rato, sapo e pombo; reforçou a importância de desmistificar a imagem dessas espécies junto ao público. Embora sejam frequentemente associados à sujeira e ao perigo, esses animais desempenham funções relevantes para o ecossistema urbano, como o controle de insetos, a dispersão de sementes e o equilíbrio das cadeias alimentares. Compreender esse papel é um passo fundamental para que a população passe a adotar formas mais seguras e responsáveis de lidar com a presença deles no cotidiano.

Do ponto de vista projetual, a campanha de comunicação desenvolvida sob o conceito "Que bicho é esse na minha casa?" demonstra que o design pode atuar como mediador entre o conhecimento científico e a experiência cotidiana da população. Ao adotar uma linguagem

acessível, empática e próxima da forma como as pessoas expressam suas dúvidas no dia a dia, o projeto busca reduzir o estranhamento e transformar o desconforto inicial em um ponto de partida para o aprendizado. A articulação entre materiais físicos e digitais amplia o alcance da campanha e garante sua presença em diferentes momentos e contextos da vida dos moradores, especialmente do público com mais de 45 anos identificado como prioritário.

A fundamentação metodológica nas abordagens de Wendel (2014) e de Ludden e Hekkert (2014), permitiu estruturar o projeto não apenas como um conjunto de peças informativas, mas como um sistema de comunicação capaz de atuar em diferentes estágios de engajamento do público. Ao priorizar as estratégias de sensibilização e capacitação, a campanha se orienta para um público que, em sua maioria, ainda se encontra nas etapas iniciais de reconhecimento do problema, oferecendo caminhos concretos para a adoção de comportamentos mais seguros e conscientes.

É reconhecido que os limites desta pesquisa, delineados a dois recortes territoriais específicos do município e a uma amostra de treze entrevistados, não permitem generalizações amplas. No entanto, os resultados obtidos são representativos das dinâmicas observadas e suficientes para embasar as decisões projetuais tomadas ao longo do trabalho. Estudos futuros poderiam ampliar o campo de investigação para outros bairros e perfis socioeconômicos de Trindade, bem como avaliar o impacto da campanha após sua implementação, verificando em que medida ela contribuiu para a mudança efetiva de comportamentos.

Por fim, este trabalho reafirma o design como campo estratégico de ação social, capaz de propor soluções que vão além da estética e da funcionalidade, atuando diretamente na construção de novas formas de percepção, relação e convivência. Ao aproximar pessoas e animais sinantrópicos por meio do entendimento, se espera contribuir para uma cidade mais consciente, mais humana e mais equilibrada ambientalmente.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

123RF. **Dove**. Disponível em: https://br.123rf.com/free-photo_185897146_dove.html. Acesso em: 2 jun. 2026.

AUSTRALIAN GEOGRAPHIC. **Black rat**. In: Fact File. Disponível em: <https://www.australiangeographic.com.au/fact-file/black-rat/>. Acesso em: 2 jun. 2026.

BIODIVERSITY4ALL. **Mus musculus**. Disponível em: https://www.biodiversity4all.org/taxa/44705-Mus-musculus/browse_photos. Acesso em: 2 jun. 2026.

BRASIL. **Lei nº 9.605, de 12 de fevereiro de 1998**. Dispõe sobre as sanções penais e administrativas derivadas de condutas e atividades lesivas ao meio ambiente, e dá outras providências. Art. 32, § 1º-A. [S. l.], 1998. Disponível em: <https://www.jusbrasil.com.br/topicos/739217940/paragrafo-1a-artigo-32-da-lei-n-9605-de-12-de-fevereiro-de-1998>. Acesso em: 2 jun. 2026.

BRASIL. Ministério da Saúde. Fundação Nacional de Saúde (FUNASA). **Manual de controle de roedores**. Brasília, DF: Ministério da Saúde/FUNASA, 2002. Disponível em: https://bvsms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/manual_roedores1.pdf. Acesso em: 2 jun. 2026.

BRASIL. Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e dos Recursos Naturais Renováveis (IBAMA). **Instrução Normativa nº 141, de 19 de dezembro de 2006**. Regulamenta o controle e o manejo ambiental da fauna sinantrópica nociva. Brasília, DF: IBAMA, 2006. Disponível em: <https://www.gov.br/agricultura/pt-br/assuntos/sanidade-animal-e-vegetal/saude-animal/programas-de-saude-animal/raiva-dos-herbivoros-e-eeb/fichas-tecnicas-legislacao-manuais-e-demais-documentos/IBAMA141.pdf>. Acesso em: 2 jun. 2026.

CASTRO, Elaine de; OLIVEIRA, Ulisses Tadeu Vaz de. **A entrevista semiestruturada na pesquisa qualitativa-interpretativa: um guia de análise processual**. Entretextos, Londrina, v. 22, n. 3, p. 25-45, jul./dez. 2022.

EARTHPEDIA. **Rattus norvegicus**. In: Animal Encyclopedia. Disponível em: <https://earthpedia.earth.com/animal-encyclopedia/chordata/muridae/rattus-norvegicus/>. Acesso em: 2 jun. 2026.

FIGUEIREDO, A. C. de. **Pombo-comum**: InfoEscola, 2014. Graduação em Ciências Biológicas UNIFESP. Disponível em: <https://www.infoescola.com/aves/pombo-comum/>. Acesso em: 2 jun. 2026.

GHOSTTLI. **Pássaro preso na cola de pegar rato e ficou careca**. YouTube, 22 maio 2024. Shorts. Disponível em: https://www.youtube.com/shorts/a83T_vVuA1Q. Acesso em: 3 jun. 2026.

GUAZI, Taísa Scarpin. Diretrizes para o uso de entrevistas semiestruturadas em investigações científicas. **Revista Educação, Pesquisa e Inclusão**, v. 2, p. 1-20, 2021.

INATURALIST. **Observação nº 365894490**. Disponível em: <https://www.inaturalist.org/observations/365894490>. Acesso em: 2 jun. 2026.

LIMA, Albertina P. et al. **Guia de sapos da Reserva Adolpho Ducke**, Amazônia Central. Guide to the frogs of Reserva Adolpho Ducke, Central Amazonia. Manaus: Áttema Design Editorial, 2005.

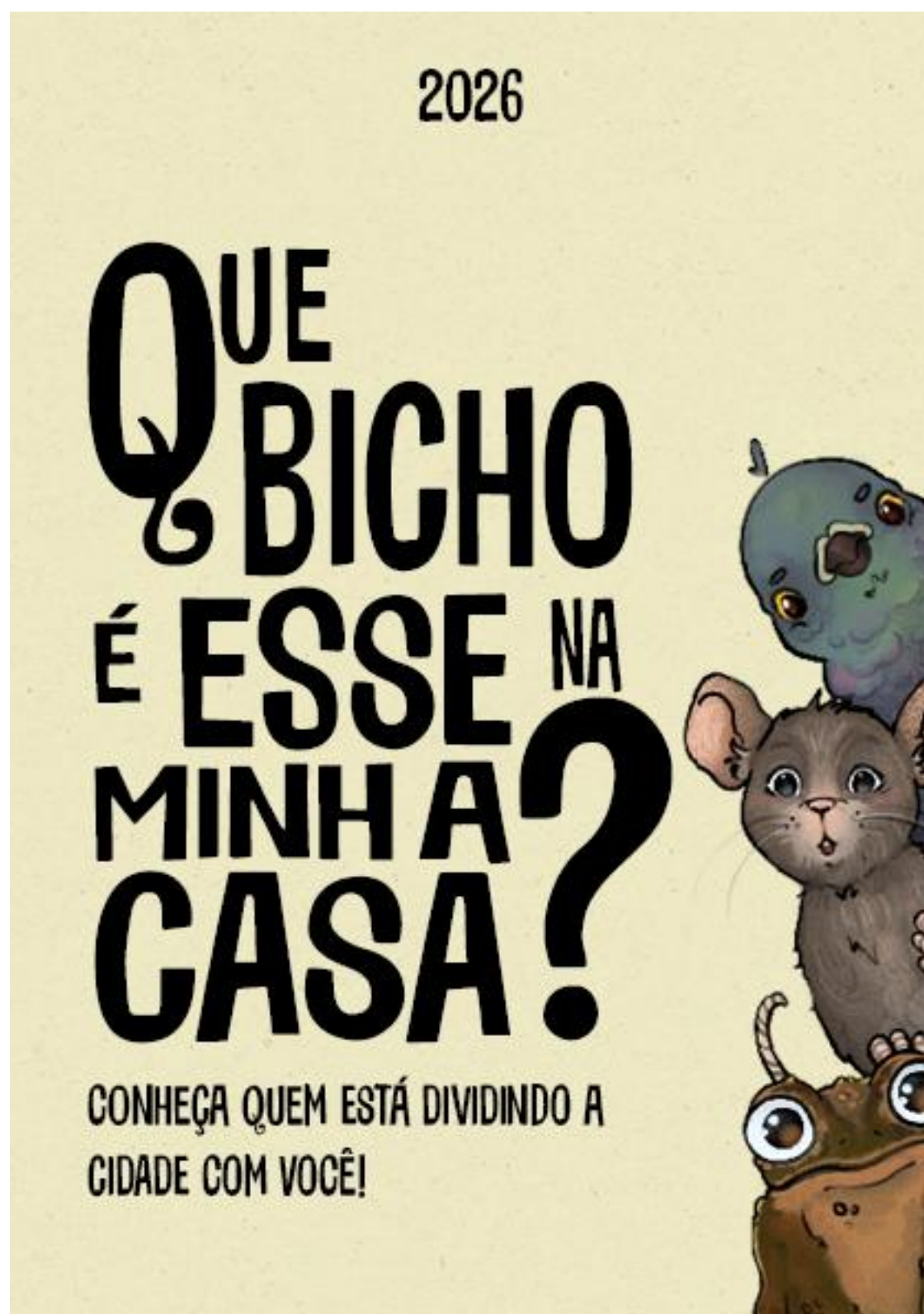
LIMA, Eronilza David de. **Animais Sinantrópicos e Sua Importância Ecológica para os Ecossistemas**. 2023. 82 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em Ciências Biológicas) – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia da Paraíba (IFPB), Campus Cabedelo, Cabedelo, 2023.

MOTA, Juliana; COSTA, Filipe. **Design para mudança de comportamento: uma revisão crítica**. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE PESQUISA E DESENVOLVIMENTO EM DESIGN, Belo Horizonte, 2016.

SOLUÇÕES CASEIRAS E INVENÇÕES. **Ratoeira adesiva bem te vi foi salvar o rato e ficou preso muito cuidado ao colocar essa armadilha**. YouTube, 3 abr. 2023. Shorts. Disponível em: <https://www.youtube.com/shorts/WRRA97-L1oM>. Acesso em: 3 jun. 2026.

ZORZENON, Francisco José. **Noções sobre as principais pragas urbanas**. O Biológico, São Paulo, v. 64, n. 2, p. 231-234, jul./dez. 2002. Disponível em: https://biologico.agricultura.sp.gov.br/uploads/docs/bio/v64_2/zorzenon.pdf. Acesso em: 2 jun. 2026.

ZUBEN, Andréa Paula. **Manual de controle integrado de pragas**. Campinas: SMS/Prefeitura Municipal de Campinas, 2006. Disponível em: <https://portal-adm.campinas.sp.gov.br/sites/default/files/impressos/fo/FO086.pdf>. Acesso em: 2 jun. 2026.





CARTA AO LEITOR

Vivemos em cidades que crescem rápido, e Trindade não é diferente. Novos bairros, novas ruas, mais casas, mais pessoas. E junto com esse crescimento, alguns animais também foram ficando.

Eles são chamados de animais sinantrópicos. Entre eles, alguns acabam aparecendo com mais frequência no nosso dia a dia, como os sapos, os ratos e os pombos.

O problema é que quase ninguém nos ensinou o que fazer quando esses animais aparecem. A reação mais comum é o medo, o nojo ou a vontade de resolver aquilo o mais rápido possível. E isso é compreensível. Ninguém age bem com o que não conhece.

Mas eliminar nem sempre resolve. E, muitas vezes, pode trazer mais problemas do que soluções, seja para o ambiente, para outros animais ou até para a nossa própria casa.

Ao longo das próximas páginas, você vai conhecer melhor três desses animais que fazem parte da rotina na cidade de Trindade: o sapo, o rato e o pombo.

A ideia aqui não é fazer você gostar deles (mas até pode!). É te ajudar a entender melhor o que está acontecendo quando eles aparecem e mostrar formas mais seguras e tranquilas de lidar com essas situações.

Porque, no fim, conviver com mais informação costuma ser muito mais eficaz do que reagir só no susto.

SUMÁRIO

- 01** O que são animais sinantrópicos?
Definição e base legal · Por que aparecem na cidade? · Percepção negativa e seus riscos · O papel ecológico
- 02** Sapo
Quem é · papel ecológico · riscos reais · como prevenir · o que fazer quando encontrá-lo
- 03** Rato
Quem é · papel ecológico · riscos reais · como prevenir · o que fazer quando encontrá-lo
- 04** Pombo
Quem é · papel ecológico · riscos reais · como prevenir · o que fazer quando encontrá-lo
- 05** Apareceu um visitante por aí?
Para onde ligar? · Rede de apoio



01 O QUE SÃO ANIMAIS SINANTRÓPICOS?

Nem selvagens, nem domésticos. Os animais sinantrópicos ocupam um lugar próprio: são espécies silvestres, nativas ou exóticas, que ao longo do tempo desenvolveram a capacidade de viver em ambientes modificados pelo ser humano, sem depender diretamente dele para sobreviver.

O nome vem do grego: syn (junto) e anthropos (ser humano). Animais que vivem junto com as pessoas não por domesticação, mas por adaptação. A definição oficial, estabelecida pelo IBAMA por meio da Instrução Normativa nº 141, de 2006, descreve a fauna sinantrópica como populações animais que utilizam recursos de áreas humanas de forma transitória ou permanente.

Diferente dos animais domésticos, que foram modificados ao longo de milênios para conviver com humanos, os animais sinantrópicos são independentes. Eles não precisam de nós, mas aprenderam a se beneficiar da nossa presença.

Por que eles aparecem na cidade?

A resposta simples é: porque a cidade oferece o que eles precisam. Alimento disponível em lixeiras abertas, entulhos e restos orgânicos. Água acumulada em calçadas, vasos, piscinas abandonadas e bueiros. Abrigo em telhados, forros, frestas de muros e vegetação urbana.

Em Trindade, esse processo é visível. Com 142.431 habitantes, o município vive expansão urbana acelerada: novos loteamentos, bairros em crescimento, áreas rurais sendo convertidas em zonas residenciais.

O problema não é o animal, é o desequilíbrio

A presença de animais sinantrópicos em si não é o problema. O que gera conflito é o desequilíbrio: quando as condições urbanas favorecem a superpopulação de uma espécie, os riscos aumentam. Grande parte dessas condições é criada por nós: o lixo que deixamos, as frestas que não fechamos, a água que acumulamos. Controlar esses fatores é mais eficaz e mais duradouro do que qualquer método de extermínio.

A percepção negativa e seus riscos

Para muitas pessoas, a primeira reação ao encontrar um animal sinantrópico é o medo ou a repulsa. O problema é que essa visão distorcida leva a atitudes prejudiciais: uso indiscriminado de venenos, ratoeiras de cola e repelentes químicos sem orientação técnica. Esses métodos, além de muitas vezes ineficazes, causam sofrimento desnecessário e podem atingir outras espécies.

As ratoeiras de cola, por exemplo, usadas para ratos, frequentemente prendem pássaros como bem-te-vis e periquitos, lagartixas e outros animais. O sofrimento causado é intenso, e o impacto no equilíbrio ecológico local é real.

Crime ambiental: matar ou maltratar animais silvestres, incluindo os sinantrópicos, é crime previsto no Art. 32 da Lei nº 9.605/1998, com pena de detenção de 3 meses a 1 ano, além de multa.

O outro lado: o papel ecológico

Por trás da má fama, esses animais desempenham funções importantes no equilíbrio dos ecossistemas urbanos. Nenhum deles é vilão por natureza. São organismos que respondem ao ambiente como qualquer ser vivo faz, buscando sobreviver.

02

SAPO

Quem é?

O gênero *Rhinella* reúne algumas das espécies de sapos mais adaptadas à vida urbana no Brasil, especialmente no Centro-Oeste. As espécies desse gênero são popularmente conhecidas como sapo-cururu (sim, ele mesmo) nome que, no dia a dia, acabou se tornando uma referência geral para os sapos robustos e de pele rugosa.

São animais noturnos e insetívoros: besouros, baratas, formigas, grilos e mosquitos compõem a maior parte da dieta. Uma das características mais marcantes do gênero é a presença das glândulas parotóides: duas protuberâncias localizadas atrás dos olhos que produzem uma secreção de defesa.



Papel ecológico

Os sapos estão entre os controladores naturais de insetos mais eficientes que existem e prestam esse serviço de graça, em milhares de quintais pelo Brasil.

Ao se alimentar de mosquitos, baratas, formigas e besouros, reduzem a necessidade de inseticidas químicos e contribuem para o equilíbrio das populações de invertebrados. São também elos fundamentais na cadeia alimentar, servindo de alimento para serpentes, corujas e garças.

Além de tudo isso, são considerados bioindicadores ambientais: sua presença em um ambiente indica que aquele local ainda mantém condições mínimas de equilíbrio ecológico.

Ter sapos no quintal é muito mais sinal de saúde ambiental do que de problema.

Riscos reais

O contato casual com a pele do sapo é inofensivo para humanos. A secreção das glândulas parotóides é tóxica apenas se ingerida ou em contato direto com mucosas - olhos, boca e nariz.

O risco real é para cães e gatos que mordem ou lambem o animal: a toxina pode causar salivação excessiva, convulsões e, em casos graves, ser fatal para animais de pequeno porte.

Os sapos não esguicham veneno e não representam risco pelo simples toque. O que podem liberar, quando perturbados, é a água armazenada em uma estrutura semelhante a uma bexiga, que não causa nenhum dano à saúde das pessoas.

Como prevenir

A presença de sapos no quintal ou dentro de casa está diretamente ligada às condições que o ambiente oferece.

A iluminação externa é um dos principais fatores de atração. Lâmpadas acesas durante a noite atraem grande quantidade de insetos, que por sua vez atraem os sapos que se alimentam deles. Manter o quintal com grama aparada, sem acúmulo de entulho, folhas e objetos que criem abrigos úmidos também reduz as condições favoráveis à permanência do animal.

O que fazer quando encontrá-lo?

Na maioria dos casos, nenhuma ação é necessária: o sapo vai embora sozinho ao amanhecer. Mas, caso seja necessário removê-lo, retire-o cuidadosamente de casa com o auxílio de luvas e conduza o animal com cuidado para uma área verde próxima.

É fundamental evitar qualquer substância sobre o sapo. Sal, água quente, vinagre, álcool ou produtos de limpeza causam queimaduras severas na pele permeável do animal, que depende dela para respirar e se hidratar, levando a uma morte lenta e dolorosa.

Se o animal estiver ferido, debilitado ou aparentar alguma condição anormal, não tente tratá-lo por conta própria. Entre em contato com a Vigilância Ambiental do município ou com o CETAS, que são os órgãos responsáveis pelo manejo adequado da fauna silvestre.

Você pode encontrar esses contatos no site da prefeitura de Trindade, nas redes oficiais do município ou por meio de uma busca rápida na internet. Em caso de emergência, o Corpo de Bombeiros também pode orientar pelo telefone 193.

03

RATO

Quem é?

Três espécies concentram a maior parte dos registros em ambientes urbanos brasileiros.

O *Rattus norvegicus*, conhecido como rato-de-esgoto ou ratazana, é o maior dos três. Prefere o nível do solo: esgotos, galerias subterrâneas e terrenos baldios.

O *Rattus rattus*, o rato-de-telhado, é mais ágil, excelente escalador, com preferência por forros, telhados e estruturas elevadas.

O *Mus musculus*, o camundongo, é o menor dos três e consegue passar por frestas de menos de 1 centímetro. É o mais comum em despensas, cozinhas e depósitos de alimento.

Os três são os roedores mais comuns em ambientes urbanos brasileiros. São onívoros e apresentam alta taxa reprodutiva, uma infestação pequena pode se tornar séria em poucos meses.



Papel ecológico

Apesar da reputação negativa, os roedores desempenham funções ecológicas que frequentemente passam despercebidas.

Ao escavarem tocas, contribuem para a aeração do solo, favorecendo a saúde das raízes das plantas e a circulação de nutrientes. O material vegetal acumulado nessas tocas passa por decomposição acelerada no subsolo, enriquecendo o terreno com matéria orgânica essencial.

Consomem também insetos e sementes de ervas daninhas, ajudando a regular essas populações naturalmente. E ocupam posição central na cadeia alimentar como presas de corujas, serpentes, gaviões e mamíferos carnívoros, que são predadores que dependem diretamente deles para sobreviver.

O problema não é a existência do rato, mas o desequilíbrio gerado pelo ambiente urbano. Sem predadores naturais e com fontes de alimento abundantes, a população cresce sem controle.

Riscos reais

As três espécies urbanas são hospedeiras de doenças transmissíveis ao ser humano, e o contato direto com o animal não é necessário para a contaminação. Fezes, urina e superfícies contaminadas já podem representar risco.

As principais vias são a ingestão de alimentos ou água contaminados, o contato da pele com ambientes úmidos infestados e a inalação de partículas em suspensão ao limpar locais com sinais de presença de ratos.





Como prevenir

Mantenha lixeiras sempre fechadas, repare portas e paredes danificadas que possam servir de acesso, e nunca deixe restos de comida expostos ou embalagens abertas. Alimentos devem ser armazenados em recipientes resistentes e herméticos.

Remova entulho, faça revisões periódicas e mantenha o quintal limpo e a vegetação aparada.

O que fazer quando encontrá-lo?

Quando a presença de um ou poucos animais for identificada dentro de casa, a alternativa mais indicada é a armadilha de captura viva, que são dispositivos de gaiola que prendem o animal sem machucá-lo. Ao retirar a armadilha com o rato capturado, use luvas e manuseie com cuidado, evitando contato direto com o animal ou com superfícies que ele possa ter tocado. Solte-o em uma área verde afastada da residência.

Evite métodos que causam sofrimento prolongado e desnecessário ao animal.

As ratoeiras de cola além de indiscriminadas, ou seja, podem prender qualquer animal que passe pelo local, mantêm o animal preso e imóvel por horas, podendo arrancar pelos e pele na tentativa de escape. Venenos rodenticidas aplicados sem orientação técnica também representam risco de intoxicação para crianças, animais domésticos e predadores naturais como corujas e gaviões que se alimentam dos ratos envenenados.

Em caso de infestação confirmada acione a Vigilância Sanitária do município, o serviço é gratuito, inclui avaliação do ambiente e orientação técnica especializada.

04 POMBO

Quem é?

O pombo urbano (*Columba livia*) não é nativo do Brasil. É originário da Eurásia e da África, e chegou ao país trazido pela família real portuguesa, tendo se adaptado rapidamente ao novo ambiente. É, portanto, uma espécie exótica, mas tão integrada ao cotidiano urbano que raramente é vista dessa forma.

Sua alimentação é diversificada: inclui grãos, sementes, frutos, insetos, vermes e restos de alimentos humanos, o que contribui diretamente para sua adaptação ao ambiente urbano. A reprodução da *Columba livia* é regulada pela disponibilidade de alimento.

Em centros urbanos, onde a oferta é constante, reproduz-se ao longo de todo o ano e o número pode aumentar significativamente quando há alimento em abundância, sendo esse o principal fator para a superpopulação da espécie nas cidade.



Papel ecológico

Embora frequentemente visto apenas como um problema urbano, o pombo desempenha funções ecológicas relevantes quando em equilíbrio populacional.

Além disso, atua como dispersor de sementes, as que consome são eliminadas nas fezes já prontas para germinar, contribuindo para o reflorestamento natural de algumas espécies vegetais.

Integra também a cadeia alimentar como presa de diversas aves de rapina presentes no ambiente urbano.

Riscos reais

O pombo costuma ser descrito como um animal sujo por natureza, o que não corresponde à realidade. Assim como outras aves, o pombo se limpa regularmente.

O que gera problemas sanitários não é o animal em si, e sim a concentração de fezes em locais fechados, que favorece o desenvolvimento de fungos, bactérias e parasitas. Mesmo as fezes secas podem hospedar ovos e cistos que se dispersam pelo ar pela ação do vento, causando desde processos alérgicos e respiratórios até infecções mais graves em pessoas com imunidade comprometida.

O chamado "piolho de pombo", que na verdade é um tipo de ácaro que vive nas aves e nos ninhos. Em algumas situações, quando os pombos abandonam esses ninhos, esses ácaros podem se espalhar para áreas próximas, como telhados, forros ou até dentro das casas.

Eles não vivem no corpo humano por muito tempo, mas podem causar coceira, vermelhidão e irritação na pele.

Como prevenir

A medida mais eficaz e imediata é também a mais simples: não oferecer alimento.

Para impedir que façam ninhos em fachadas, beirais e calhas, a vedação permanente de frestas e vãos é a medida mais duradoura. A instalação de espinhos antipouso, telas e superfícies inclinadas nos pontos de pouso frequentes são métodos de baixo impacto que direcionam o animal para outros locais sem machucá-lo.

O que fazer quando encontrá-lo?

Encontrar um pombo ocasionalmente em casa ou no quintal não representa, por si só, um problema. O animal está em busca de alimento ou abrigo e tende a se deslocar naturalmente quando essas condições não estão disponíveis.

A situação muda quando há grande concentração de pombos em um local específico. Isso é sempre um sinal de que o ambiente está favorecendo a permanência das aves, seja pela oferta de alimento, pela presença de abrigos adequados ou pela ausência de medidas preventivas.

Nesses casos, o mais indicado é acionar a Vigilância Sanitária do município, que pode realizar a vistoria do local, identificar os fatores que contribuem para a situação e orientar as medidas mais adequadas para cada caso.

Se encontrar um pombo ferido ou debilitado, entre em contato com o CETAS para o encaminhamento adequado.





05

APARECEU UM VISITANTE POR AI?

Ao se deparar com uma situação que envolva animais sinantrópicos, seja um animal ferido, uma infestação ou uma dúvida sobre como agir, existem canais oficiais que podem orientar e intervir de forma adequada e gratuita.

A Vigilância Sanitária do município é o primeiro ponto de contato para casos de infestação e riscos à saúde pública. Em Trindade, o atendimento pode ser feito pelo telefone (62) 3506-7066.

O CETAS, Centro de Triagem de Animais Silvestres, é o órgão responsável pelo recebimento e encaminhamento de animais silvestres feridos ou debilitados, vinculado à Secretaria Estadual de Meio Ambiente. Ele está localizado na BR-153, nº 2145, Jardim Guanabara, Goiânia, e atende pelo telefone (62) 99898-4928.

Em situações de emergência envolvendo animais peçonhentos, o Corpo de Bombeiros, pelo telefone 193, é o canal mais indicado.

Denúncias de maus-tratos podem ser feitas à Polícia Militar Ambiental ou ao Ibama. Em Trindade, o Batalhão de Polícia Militar Ambiental pode ser acionado pelo (62) 99611-2182 (WhatsApp/plantão) ou (62) 3503-1419. O Ibama também recebe denúncias pelo telefone 0800 618080, por meio da Linha Verde.



Além dos canais oficiais, existe algo que faz muita diferença no dia a dia e que muitas vezes a gente nem percebe: a forma como a informação circula entre as pessoas.

Cada avistamento relatado é uma informação real sobre como esses animais se distribuem pela cidade, quais ambientes frequentam e como essa presença muda ao longo do tempo.

Reunidos, esses dados formam um retrato vivo da fauna sinantrópica urbana, algo que nenhum estudo consegue construir sozinho, mas que uma comunidade inteira pode.

Por isso, este ebook faz parte de uma proposta maior: a criação de uma rede de cuidados e monitoramento participativo entre moradores, agentes de saúde e instituições de ensino.

Se você quiser acompanhar, contribuir com registros ou simplesmente entender melhor o que acontece ao seu redor, visite o site da rede:



Este material também integra um Trabalho de Conclusão de Curso em Design, desenvolvido a partir de uma pesquisa realizada em Trindade, Goiás. A ideia é que o que começa aqui continue crescendo na prática, com a participação das pessoas.

UM POMBO APARECEU. E AGORA?

QUANDO HÁ RISCO?

- Ao encostar em superfícies com urina ou fezes e levar a mão ao rosto
- Ao limpar fezes secas sem proteção, levantando um pó fino que pode ser inalado

O QUE FAZER?

- Não alimentar os pombos
- Evitar restos de comida expostos
- Usar barreiras físicas como telas e fios
- Ao limpar fezes, use luvas e máscara
- Evite varrer seco; prefira limpeza úmida

EVITE

- Envenenar
- Prender ou ferir
- Espantar com violência

Essas ações não resolvem o problema e ainda podem trazer riscos. O veneno pode atingir outros animais, inclusive pets, e sem mudar o ambiente, outros pombos podem voltar.



UM RATO APARECEU. E AGORA?

QUANDO HÁ RISCO?

- Ao encostar em superfícies com urina ou fezes e levar a mão ao rosto
- Em contato com água contaminada (enchentes, esgoto)
- Em casos raros, pode ocorrer mordida ao tentar pegar o animal

O QUE FAZER?

- Guarde bem alimentos e lixo
- Vede frestas que podem estar dando acesso a eles
- Prefira **armadilhas de captura viva**
- Ao limpar fezes ou urina, use luvas e máscara
- Evite varrer seco; prefira limpeza úmida

EVITE

- Ratoeiras de cola e/ou de pressão
- Venenos

A ratoeira de cola não mata na hora. O animal fica preso, sem conseguir se soltar, e pode passar horas ou até dias tentando escapar, com dor, fome e estresse.

O veneno também não é imediato. O rato pode se esconder dentro da casa antes de morrer, causando mau cheiro e dificultando a remoção. E ainda existe o risco do seu animal de estimação entrar em contato ou ingerir esse veneno sem querer.



UM SAPO APARECEU. E AGORA?

QUANDO HÁ RISCO?

- Ao levar a mão aos olhos, boca ou feridas depois do contato
- Quando há contato direto com a pele sensível.

Não é perigoso como parece, mas é melhor evitar o contato direto.

O QUE FAZER?

- Não toque diretamente no sapo, isso pode machuca-lo
- Use um recipiente ou vassoura para conduzir
- Leve ele para fora, com cuidado

EVITE

- Jogar sal
- Bater ou machucar
- Tentar matar por medo

Essas ações causam sofrimento desnecessário. O sapo não representa uma ameaça. Além disso, ao tentar matar, a pessoa pode acabar se expondo mais ao contato com o animal.



TEM VISITA AÍ?

Mas acho que não é bem o que você esperava...

CALMA! Antes de se desesperar, vou te contar algumas coisinhas sobre esses visitantes.

Eles são chamados de animais sinantrópicos, isso significa que são animais que vivem perto das pessoas porque aprenderam a usar o que a cidade oferece para sobreviver.

Eles não estão aí por acaso!

Na hora do susto, é comum querer resolver rápido, do jeito que der. Mas agir no impulso ou recorrer a soluções agressivas pode trazer mais problemas do que soluções.

Sabe a boa notícia?

Dá para resolver isso com calma e cuidado, sem precisar recorrer à crueldade

A idéia aqui não é ignorar o incomodo, mas te ajudar a entender melhor o que está acontecendo e mostrar caminhos mais seguros, eficazes e mais tranquilos de lidar com cada situação.

Entender já é metade da solução. A outra metade é saber como agir sem piorar o problema.

PRECISA DE AJUDA?

Em caso de dúvidas ou situações que envolvam riscos à saúde ou ao bem-estar dos animais, procure os canais oficiais:

- Vigilância Sanitária de Trindade
(62) 3506-7066
- Polícia Militar Ambiental
(62) 99611-2182
- Corpo de Bombeiros
193
- CETAS
(62) 99898-4928



VIU UM DESSES ANIMAIS?

Acesse o site, registre seu avistamento e ajude a construir um mapa real da presença desses animais na cidade.

Este material foi desenvolvido por Eduarda Gonçalves, sob orientação da profa. Genilda Alexandria, como parte do Trabalho de Conclusão de Curso em Design, PUC Goiás, no ano de 2026.

QUE BICHO É ESSE NA MINHA CASA?

CONHEÇA QUEM ESTÁ DIVIDINDO A CIDADE COM VOCÊ!



ANEXO C – Modelo de questionário aplicado

Entrevista Semiestruturada

Apresentação

Meu nome é Eduarda e eu sou estudante de design. Estou desenvolvendo meu Trabalho de Conclusão de Curso com o tema ‘Design e Sensibilização Social: Caminhos para Compreender e Conviver com a Fauna Sinantrópica’. Animais sinantrópicos são aqueles que vivem próximos aos seres humanos nas cidades, porque ali encontram alimento, abrigo e água. Entre eles estão alguns vertebrados bastante comuns, como ratos, camundongos, pombos, morcegos, gambás, lagartixas, sapos e alguns tipos de aves que acabam vivendo próximos das casas. O objetivo desta pesquisa é entender como as pessoas percebem esses animais e como a informação sobre eles circula nos bairros e condomínios. A partir disso, o projeto pretende pensar em formas de comunicação e orientação que auxiliem tanto para uma possível boa convivência, quanto na manutenção da saúde pública. Essa é uma pesquisa acadêmica e os dados produzidos serão utilizados apenas para fins de estudo.

Dados gerais

Nome:

Faixa etária:

- ☐ 19 a 24 anos
- ☐ 25 a 34 anos
- ☐ 35 a 44 anos
- ☐ 45 a 54 anos
- ☐ 55 a 64 anos
- ☐ 65 anos ou mais

Qual é sua renda domiciliar mensal:

- ☐ R\$ 0 a R\$ 2.000
- ☐ R\$ 2.001 a R\$ 5.000
- ☐ R\$ 5.001 a R\$ 8.000
- ☐ R\$ 8.001 a R\$ 11.999
- ☐ Acima de R\$ 12.000

Você mora aqui há quanto tempo?

Relação com animais urbanos

- Quais animais você já viu com frequência aqui na região?
- Algum deles te causa medo ou desconforto? Por quê?
- Você sabe quais são considerados perigosos?
- Quando aparece um desses animais, o que você faz?
- Você já teve alguma experiência negativa com algum deles?

Se a pessoa mencionar um animal específico:

- O que exatamente te incomoda nele?
- Você acha que sabe o suficiente sobre ele?

Informação e percepção

- Onde você costuma buscar informações quando surge algum problema no bairro?
- Você já procurou informações sobre esses animais?
- Por onde você confia mais em receber esse tipo de informação?
- Você sente que recebe orientação suficiente sobre prevenção?
- Você já usou algum produto para evitar ou eliminar esses animais?
- Como escolheu esse produto?
- Você entende como usar corretamente?

Comunicação no condomínio

- Como o condomínio comunica problemas aos moradores?
- Existe grupo de WhatsApp ou outro canal?
- Quando aparece um animal perigoso, como a informação circula?
- Já aconteceu pânico ou desinformação?
- Você acha que a comunicação poderia ser melhor?

Encerramento

- Se existisse um material educativo sobre esses animais, como você gostaria que ele fosse?
- O que faria você realmente prestar atenção nesse assunto?
- Você acha que informação pode diminuir medo?
- Tem alguma coisa que você queira falar? Um comentário, observação.

RESOLUÇÃO nº 038/2020 – CEPE

ANEXO I

APÊNDICE ao TCC

Termo de autorização de publicação de produção acadêmica

O estudante Eduarda Gonçalves de Queiroz do Curso de Design matrícula 2022.2.0042.0003-1, telefone: (62) 98513-4938 e-mail dudagqrz@gmail.com, na qualidade de titular dos direitos autorais, em consonância com a Lei nº 9.610/98 (Lei dos Direitos do Autor), autoriza a Pontifícia Universidade Católica de Goiás (PUC Goiás) a disponibilizar o Trabalho de Conclusão de Curso intitulado Design e Sensibilização Social: Caminhos para Compreender e Conviver com a Fauna Sinantrópica, gratuitamente, sem ressarcimento dos direitos autorais, por 5 (cinco) anos, conforme permissões do documento, em meio eletrônico, na rede mundial de computadores, no formato especificado (Texto(PDF); Imagem (GIF ou JPEG); Som (WAVE, MPEG, AIFF, SND); Vídeo (MPEG, MWV, AVI, QT); outros, específicos da área; para fins de leitura e/ou impressão pela internet, a título de divulgação da produção científica gerada nos cursos de graduação da PUC Goiás.

Goiânia, 18 de junho de 2026.

Assinatura do autor: gov.br

Documento assinado digitalmente
EDUARDA GONCALVES DE QUEIROZ
Data: 22/06/2026 21:58:50-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Nome completo do autor: Eduarda Gonçalves de Queiroz

Assinatura do professor-orientador:

Documento assinado digitalmente
GENILDA DA SILVA ALEXANDRIA SOUSA
Data: 23/06/2026 09:21:25-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Nome completo do professor-orientador: Genilda Alexandria